

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DA ÁFRICA

**André Luiz Silveira**

**A CULTURA DO RACISMO NO BRASIL: UMA LUTA CONTRA TAL PRÁTICA  
NA SOCIEDADE BRASILEIRA**

Juiz de Fora - MG  
2016

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

SILVEIRA, André Luiz .

A CULTURA DO RACISMO NO BRASIL : UMA LUTA CONTRA TAL PRÁTICA NA SOCIEDADE BRASILEIRA / André Luiz SILVEIRA. – 2017.

62 f.

Orientador: Julvan Moreira de OLIVEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Especialização em História da África, 2017.

1. Racismo. 2. democracia racial . 3. negros. 4. educação. 5. relações étnico-raciais. I. OLIVEIRA, Julvan Moreira de , orient. II. Título.

ANDRÉ LUIZ SILVEIRA

**A CULTURA DO RACISMO NO BRASIL: UMA LUTA CONTRA TAL PRÁTICA  
NA SOCIEDADE BRASILEIRA**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Especialização em História da África do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à conclusão do curso.

Orientador: Prof. Dr. Julvan Moreira de Oliveira.

Juiz de Fora - MG  
2016

André Luiz Silveira

**A CULTURA DO RACISMO NO BRASIL: UMA LUTA CONTRA TAL PRÁTICA  
NA SOCIEDADE BRASILEIRA**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Especialização em História da África do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à conclusão do curso.

Aprovado em 18 de março de 2017

Banca Examinadora:

Prof<sup>a</sup>

Examinador UFJF

Prof.

Examinador UFJF

Orientador

Juiz de Fora - MG

2016

Dedico este trabalho a meu filho André Jr. que amo tanto, e a minha mulher Alexandra, companheira, que amo demais.

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer todas as pessoas que em algum momento da minha vida contribuiu comigo para que eu conseguisse concluir este trabalho:

À toda minha família que me incentivou durante todo o período do curso de especialização.

Ao professor Dr. Julvan, pela orientação ao qual me proporcionou desenvolver o trabalho com eficiência.

Aos professores que lecionaram no curso e aos colegas de turma que colaboraram para o meu aprendizado e crescimento.

A todos vocês, muito obrigado!

*A batalha da abolição, como perceberam alguns abolicionistas, era uma batalha nacional. Esta batalha continua hoje e é tarefa da nação. A luta dos negros, as vítimas mais diretas da escravidão, pela plenitude da cidadania, deve ser vista como parte desta luta maior. Hoje, como no século XIX, não há possibilidade de fugir para fora do sistema.*

*Não há quilombo possível, nem mesmo cultural. A luta é de todos e é dentro do monstro.*

(CARVALHO, José Murilo de. A abolição aboliu o quê? **Folha de São Paulo**, 13 de maio de 1988.)

## **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo auxiliar educadores no que diz respeito à Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, com o intuito de conscientizar alunos do Ensino Médio, sobre a existência de uma falsa democracia racial no Brasil, e que de fato a prática do racismo é algo recorrente no país. Essa problemática social é exposta através de um breve panorama da história da população negra no Brasil, buscando valorizar e evidenciar a importância da história dos afro-descendentes em nosso país, bem como a história dos povos africanos que contribuíram enormemente na formação da sociedade brasileira.

**Palavras-chave:** Racismo – democracia racial – negros – educação – relações étnico-raciais



## **ABSTRACT**

This work aims to help educators with regard to the Education of Ethnic-Racial Relations and Teaching Afro-Brazilian and African History and Culture, with the purpose of raising awareness among secondary school students about the existence of a false racial democracy In Brazil, and that in fact the practice of racism is something recurrent in the country. This social problem is exposed through a brief overview of the history of the black population in Brazil, seeking to highlight and highlight the importance of the history of Afro-descendants in our country, as well as the history of the African peoples that contributed greatly to the formation of Brazilian society.

**Key-words:** Racism - racial democracy - blacks - education - ethnic-racial relations

## SUMÁRIO

<b>1. A CULTURA DO RACISMO NO BRASIL: UMA LUTA CONTRA TAL PRÁTICA NA SOCIEDADE BRASILEIRA -----</b>	<b>11.</b>
<b>2. MATERIAL DIDÁTICO -----</b>	<b>28.</b>
<b>3. HISTÓRIAS DE VIDA E MEMÓRIA -----</b>	<b>44.</b>
<b>4. REPENSANDO A APRENDIZAGEM: LEITURAS CRÍTICAS A PARTIR DA PRÁXIS -----</b>	<b>46.</b>
<b>5. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, INTERVENÇÕES E AÇÕES SÓCIO-EDUCATIVAS -----</b>	<b>52.</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS -----</b>	<b>59.</b>
<b>7. BIBLIOGRAFIA -----</b>	<b>60.</b>

## **A CULTURA DO RACISMO NO BRASIL: UMA LUTA CONTRA TAL PRÁTICA NA SOCIEDADE BRASILEIRA**

É mais do que evidente que o Brasil é caracterizado como um país onde a prática do racismo está extremamente arraigada no imaginário da sociedade brasileira. Dessa forma, procurar entender o longo período de escravidão como uma instituição legal, social e econômica que foi praticada no Brasil, revela uma referência histórica que nos ajuda a compreender a desigualdade social ainda existente em nossa sociedade que atinge em maior parte a população negra.

Ao analisarmos o racismo que ainda persiste no Brasil em pleno século XXI, e entender que a abolição da escravatura não se traduziu como uma liberdade real dos negros, ou seja, a abolição não garantiu nenhum tipo de acesso pleno ao direito à cidadania. Observe como José Murilo de Carvalho trata o tema ao afirma que:

No Brasil, aos libertos não foram dadas nem escolas, nem terras, nem empregos. Passada a euforia da libertação, muitos ex-escravos regressaram a suas fazendas, ou a fazendas vizinhas, para retomar o trabalho por baixo salário. Dezenas de anos após a abolição, os descendentes de escravos ainda viviam nas fazendas, uma vida um pouco melhor do que a de seus antepassados escravos. Outros dirigiram-se às cidades, como o Rio de Janeiro, onde foram engrossar a grande parcela da população sem emprego fixo. Onde havia dinamismo econômico provocado pela expansão do café, como em São Paulo, os novos empregos, tanto na agricultura como na indústria, foram ocupados pelos milhares de imigrantes italianos que o governo atraía para o país. Lá, os ex-escravos foram expulsos ou relegados aos trabalhos mais brutos e mais mal pagos. As consequências disso foram duradouras para a população negra. Até hoje essa população ocupa posição inferior em todos os indicadores de qualidade de vida. É a parcela menos educada da população, com os empregos menos qualificados, os menores salários, os piores índices de ascensão social. (...) A libertação dos escravos não trouxe consigo a igualdade efetiva. Essa igualdade era afirmada nas leis mas negada na prática. Ainda hoje, apesar das leis, aos privilégios e arrogância de poucos correspondem o desfavorecimento e a humilhação de muitos. (CARVALHO, 2014, pp. 57-58.)

O discurso de democracia racial consolidado no Brasil esconde o racismo que ocorre de maneira velada, tornando o assunto como algo que não deve ser discutido. Não é raro observarmos o racismo acontecendo cotidianamente através de conceitos negativos relacionados aos negros quando ouvimos expressões do tipo: “cabelo ruim”, “não faça serviço de preto”, entre outras. Tudo isso ainda é algo tratado de maneira naturalizada em nossa

sociedade. Esse racismo pode ser constatado de várias maneiras em relação à situação de vida da população negra no país. Referente a isso Lilia Moritz Schuwarcz diz o seguinte:

(...) ninguém nega que exista racismo no Brasil, mas sua prática é sempre atribuída a 'outro'. Seja da parte que age de maneira preconceituosa, seja daquela de quem sofre com o preconceito, o difícil é admitir a discriminação e não o ato de discriminar. Além disso, o problema parece ser o de afirmar oficialmente o preconceito e não o de reconhecê-lo na intimidade. Tudo isso indica que estamos diante de um tipo particular de racismo, um racismo silencioso e sem cara que se esconde por trás de uma suposta garantia de universalidade e da igualdade das leis e que lança para o terreno privado o jogo da discriminação. Com efeito, em uma sociedade marcada historicamente pela desigualdade, pelo paternalismo das relações e pelo clientelismo, o racismo só se afirma na intimidade. E da ordem do privado, pois não se regula pela lei, não se afirma publicamente. (SCHUWARCZ, 1998, p. 181).

Para compreendermos melhor tal situação é necessário entendermos primeiramente que o racismo no Brasil se estruturou em modelos de teorias e ideologias racistas que se desenvolveram nas últimas décadas do século XIX.

De acordo com Renato Silveira (2000) a obra *Essai sur l'inegalité des races humaines* produzida por Arthur de Gobineau exerceu grande influência sobre autores que defendiam a ideia de superioridade de raça, sobretudo nas três primeiras décadas do século XX.

Conforme o pensamento de Munanga (apud Julvan Moreira de OLIVEIRA 2009, p. 94), “os estudos evolucionistas estavam orientados pela teoria de Gobineau, defensor da mistura das raças como princípio de maior relevância na sua teoria do nascimento da civilização, contudo uma mistura que levaria do estado “selvagem” ao estado da cultura”. Dessa maneira fica evidente que no pensamento de Gobineau existe uma hierarquia racial, onde a raça superior através da mestiçagem poderá melhorar o que há de negativo na raça inferior.

Então segundo Gobineau (apud SILVEIRA 2000, p. 108),

(...) por si sós as raças amarelas e negras estariam condenadas à bestialidade eterna. A “variedade negra”, conforme a “lei natural”, pertenceria a essas tribos humanas que não são aptas a se civilizar [porque] nutrem o mais profundo horror por todas as outras raças; sua suprema alegria é a preguiça, sua suprema razão é o assassinato. No entanto o sangue europeu poderia modificar a natureza africana pelo mestiçamento. Assim, os mulatos, menos limitados e mais abertos à criatividade, poderiam, fundidos com uma massa branca e com bons modelos constantemente sob os olhos, torna-se em outros locais cidadãos úteis.

Entre os autores brasileiros que defendiam a ideia de superioridade de raça, podemos enfatizar Raymundo Nina Rodrigues, que invariavelmente sustentou em seus estudos o argumento de que os negros são inferiores aos brancos.

De acordo com o pensamento de Rodrigues baseado em teorias racistas, ele trata o tema ao afirmar que:

A Raça Negra no Brasil, por maiores que tenham sido os seus incontestáveis serviços à nossa civilização, por mais justificadas que sejam as simpatias de que a cercou o revoltante abuso da escravidão, por maiores que se revelem os generosos exageros dos seus turiferários, há de constituir sempre um dos fatores da nossa inferioridade como povo (RODRIGUES, 2010, pp. 14-15).

Para Nina Rodrigues (ibidem, p. 291): “O que importa ao Brasil determinar é o quanto de inferioridade lhe advém da dificuldade de civilizar-se por parte da população negra que possui e se de todo fica essa inferioridade compensada pelo mestiçamento, (...)”. Fica evidente o pensamento racista de Rodrigues caracterizando o negro sempre como pertencente a uma raça inferior, atribuindo à população negra a responsabilidade de inúmeros aspectos negativos referente à sociedade brasileira.

Em seu livro *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, Rodrigues diz que os negros são mais suscetíveis à criminalidade:

Num meio de civilização adiantada, onde possui inteira liberdade de proceder, ele [negro] destoa... como eram nossos países d’Europa, essas naturezas abruptas, retardatárias, que formam o grosso contingente do delito e do crime. As suas impulsividades são tanto melhor e mais frequentemente frequentadas para o ato antissocial, quanto às obrigações da coletividade lhes aparecem mais vagas, quanto elas são, em uma palavra, menos adaptáveis às condições de sua moralidade e do seu psíquico. O negro crioulo conservou vivaz os instintos brutais do africano: é rixoso, violento nas suas impulsões sexuais, muito dado à embriaguez e esse fundo de caráter imprime o seu cunho na criminalidade colonial atual (idem, 2011, p. 49).

Podemos perceber também nas obras de Oliveira Viana um pensamento direcionado por ideias racistas. Viana (apud opus cit., 2009) desenvolveu um sistema de escala racial em que o negro é classificado como inferior. No topo estão os brancos, já os indígenas numa posição intermediária, e os negros ocupando a base dessa escala. Essa teoria serviria de explicação para as relações escravistas no Brasil, ou seja, os índios e os negros faziam parte do grupo de “raças bárbaras” e estariam destinados a obedecerem os brancos que compunham o grupo de “raça pura e superior”. Dentro dessa mesma linha de raciocínio de uma classificação racial, Oliveira Viana evidenciou em suas pesquisas sua intolerância aos negros,

ele faz o seguinte comentário em relação aos africanos na composição da sociedade brasileira: “São porém, os tipos africanos os que vão trazer a esse caos o contingente maior de confusão e discordância. Sensível é a diversidade dos tipos dos negros, essa é desconcertante” (VIANNA apud SOUSA, 2013, pp. 7-8).

Já na década de 1930 essa concepção de superioridade de raça começa a ser rompida. Em 1933 com a publicação de *Casa-Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, o autor do livro direciona seus estudos sobre raça a partir de uma nova perspectiva, que surge da união entre meio e cultura. Freyre analisa a miscigenação como algo positivo na formação da sociedade brasileira, partindo da ideia de que o colonizador português é partidário da mistura de raças, já que o português tem a capacidade de se adaptar e interagir com outras situações, ambientes e pessoas, ou seja, era um ser híbrido, em consequência da história portuguesa anterior à colonização no Brasil. Segundo o mesmo autor, Portugal localizava-se em uma posição geográfica estratégica na Europa, era uma espécie de porta de entrada de diversos povos, inclusive os mouros que ali estiveram por um longo período, o que acabou gerando diversas misturas étnicas, culturais e raciais. Veja a seguir o comentário de Gilberto Freyre em relação à história de Portugal no que diz respeito a essa propensão à miscigenação dos portugueses:

A singular predisposição do português para a colonização híbrida e escravocrata dos trópicos, explica-a em grande parte o seu passado étnico, ou antes, cultural, de povo indefinido entre a Europa e a África. Nem intransigentemente de uma nem de outra, mas das duas. A influência africana fervendo sob a europeia e dando um acre requieime à vida sexual, à alimentação, à religião; o sangue mouro ou negro correndo por uma grande população brancarina, quando não predominando em regiões ainda hoje de gente escura; o da África, um ar quente, oleoso, amolecendo nas instituições e nas formas de cultura as durezas germânicas; corrompendo a rigidez moral e doutrinária da Igreja medieval; tirando os ossos ao cristianismo, ao feudalismo, à arquitetura gótica, à disciplina canônica, ao direito visigótico, ao latim, ao próprio caráter do povo. A Europa reinando mas sem governar; governando antes a África (FREYRE, 2003, p. 66).

Partindo desse ponto analítico Freyre desenvolve um raciocínio que vislumbra um convívio de harmonia entre brancos, negros e índios, ou seja, para ele uma espécie de democracia racial nesse processo de miscigenação:

Híbrida desde o início, a sociedade brasileira é de todas da América a que se constituiu mais harmoniosamente quanto às relações de raça: dentro de um aproveitamento de valores e experiências dos povos atrasados pelo adiantado; no máximo de contemporização da cultura adventícia com a nativa, da do conquistador com a do conquistado (ibidem, p. 160).

Se afastando da herança deixada por autores como Nina Rodrigues, o escritor de *Casa-Grande e Senzala* desconsidera o racismo, ele descreve o negro como um ser cordial e maleável, ou seja, o negro passa a ser caracterizado com qualidades positivas. De acordo com Freyre (opus cit., p. 371): “O negro, o tipo do extrovertido. O tipo de homem fácil, plástico, adaptável.”

No livro *Casa-Grande e Senzala*, Gilberto Freyre destaca as misturas raciais e culturais que aconteceram em nosso país, descrevendo de forma bastante explícita que houve dominação e subordinação, admitindo a desigualdade racial e étnica, no entanto o autor entende que a miscigenação teria instituído uma democracia racial no Brasil. É importante salientar que sua obra colaborou para uma nova visão em termos de estudos em relação ao negro, além de demonstrar a valorização e a importância do negro na formação da sociedade brasileira.

Porém autores como Florestan Fernandes, Octavio Ianni, entre outros, não concordam com a ideia de democracia racial proposta por Freyre. De acordo com Julvan Moreira de Oliveira (opus cit., p. 99):

Os teóricos marxistas brasileiros, (...), opuseram-se rigorosamente ao pensamento de Gilberto Freyre, considerando que este não considerou a condição econômica dos escravos ao referir-se a uma noção de democracia racial, comprometendo assim as políticas específicas que beneficiariam a população negra, supondo que todos estão em igualdade de condições.

Dessa forma podemos perceber que esses autores marxistas analisam a questão do racismo no Brasil a partir de uma interpretação que considera que o racismo praticado no país acontece em função de uma questão social, e não por causa da cor da pele, criticando fortemente a ideia de democracia racial sugerida por Freyre. Segundo o escritor Florestan Fernandes (1972, pp. 9-10) “a maior miscigenação e a maior visibilidade do negro e do mulato, em condições de suposta tolerância humana ideal, não se associam, a transformações estruturais significativas na participação racial e, portanto na estratificação racial.”

Para Fernandes a posição desfavorável dos negros em relação aos brancos está ligada à questão social, “as leis da oferta e da procura, o desemprego que regula os baixos salários, a competição inerente ao mercado de trabalho, ou seja, a base científica dessa vertente é o materialismo histórico” (OLIVEIRA, opus cit., p. 103), dessa forma o problema do racismo seria resolvido ou minimizado a partir da solução de problemas relativos ao modo de produção capitalista.

Partindo dessa análise, Florestan Fernandes diz que a situação referente ao racismo praticado no Brasil:

(...) a cor não é um elemento importante na percepção e na consciência racial do mundo pelo branco. Até agora, ele nunca se sentiu ameaçado pela desintegração da escravidão e pela competição ou conflito com negros e mulatos. (...) o ‘dilema racial brasileiro’ também é complicado. Não tanto por desempenharem os brancos, os negros e mulatos os papéis que deles se esperam de disfarçar ou negar o ‘preconceito de cor’ e a ‘discriminação de cor’, mas porque o único caminho aberto à mudança da situação racial depende da prosperidade gradativa, muito lenta e irregular, dos negros e mulatos. (FERNANDES, 1972, pp. 72-73).

Já na obra *A integração do negro na sociedade de classes*, o mesmo autor segue não levando em consideração outros aspectos que contribuíram para a prática racista no Brasil, ele continua demonstrando em sua análise um enfoque na questão econômica. De acordo com Fernandes (2008, p. 303):

(...) as raízes históricas da degradação social do ‘homem de cor’ no seio do novo sistema socioeconômico: a perpetuação indefinida de padrões de ajustamento racial que pressupunham a vigência de critérios anacrônicos de atribuição de status e papéis sociais ao negro e ao mulato. Tomando-se a rede de relações raciais como ela se apresenta em nossos dias, poderia parecer, que a desigualdade econômica, social e política, existente entre ‘negro’ e ‘branco’ fosse fruto do preconceito de cor e da discriminação racial. A análise histórico-sociológica patenteia, porém, que esses mecanismos possuem outra função: a de manter a distância social e o padrão correspondente de isolamento sociocultural, conservados em bloco pela simples perpetuação indefinida de estruturas parciais arcaicas. Portanto, qualquer que venha a ser, posteriormente, a importância dinâmica do preconceito de cor e da discriminação racial, eles não criaram a realidade pungente que nos preocupa. Esta foi herdada como parte de nossas dificuldades em superar os padrões de relações raciais inerentes à ordem social escravocrata e senhorial. Graças a isso, ambos não visavam, desde o advento da Abolição, instituir privilégios econômicos, sociais e políticos para beneficiar a ‘raça branca’. Tinham por função defender as barreiras que resguardavam, estrutural e dinamicamente, privilégios já estabelecidos e a própria posição do ‘branco’ em face do ‘negro’, como raça dominante.

Outro pensador que direciona suas pesquisas com base na teoria marxista é Octavio Ianni, ao pensar a questão racial e a desigualdade econômica da população negra no Brasil, este autor analisa o lugar do negro na sociedade capitalista sempre levando em consideração dois aspectos que para ele são inseparáveis: preconceito de classe e discriminação/preconceito de raça (SILVA, 2009).



Nesse sentido para Ianni a importância da questão racial, e, principalmente, à situação social da população negra no Brasil frente ao contexto de exploração, discriminação e utilização da força de trabalho dos negros, faz com que o autor defenda a ideia de uma revolução social e que os negros tem papel fundamental nesse processo revolucionário, para ele o racismo é “um instrumento de dominação, que, somado ao preconceito de classe, gera discriminação, intolerância, desigualdades de acesso aos direitos sociais, políticos, jurídicos e culturais, além da violência em suas diversas formas de manifestação” (SILVA, opus cit., p. 196).

De acordo com Ianni:

(...) a raça e a classe são constituídas simultânea e reciprocamente na dinâmica das relações sociais, nos jogos das forças sociais. Essa é a fábrica da dominação e alienação que pode romper-se, quando uns e outros, assalariados de todas as categorias, simultaneamente negros e brancos, em suas múltiplas variações, compreendem que a sua emancipação implica a transformação da sociedade: desde a sociedade de castas à de classes, desde a sociedade de classes à sociedade sem classes. Na sociedade sem classes, todos podem realizar-se como pessoas, indivíduos e coletividades. As diversidades não se transformam em desigualdades, distintas modalidades de alienação. Os distintos traços fenotípicos não se transformam em estigmas. Ao contrário, as diversidades de todos os tipos participam da formação, conformação e transformação policrônica e polifônica da sociedade (IANNI apud SILVA, opus cit.).

Octavio Ianni também faz duras críticas à ideia de democracia racial no Brasil idealizada por Gilberto Freyre. Em entrevista concedida a Revista Estudos Avançados Ianni (2004, p. 14) diz: “o mito da democracia racial não é só das elites dominantes. Quando pensamos que as relações sociais estão impregnadas pela ideia de democracia racial, descobrimos, então, que se trata de um mito cruel porque neutraliza o outro”.

Ainda em relação a tal ideia criticada, o mesmo autor comenta o seguinte:

Sobre a democracia racial temos que observar que esse mito não está só no pensamento brasileiro. Ele está ao lado de outros emblemas e mitos que são constitutivos da ideologia dominante no Brasil. Por exemplo, a ideia de que a escravatura foi branda e não muito brutal. Na verdade, a escravatura na casa-grande foi diferente da do eito, mas não é aquela que explica a questão racial no Brasil, porque o convívio das pessoas na casa-grande acaba sendo comunitário, influenciado pelo companheirismo (ibidem, p. 13).

Os estudos de Octavio Ianni propõem que os antagonismos e conflitos sociais relacionados com a questão racial estão enraizados nas próprias contradições da sociedade capitalista e estão particularmente relacionados com a questão social (SILVA, opus cit.).

Já outra vertente que estuda o negro no Brasil é caracterizada pelo abandono de uma perspectiva universalizadora da humanidade, e vai se pautar por estudos que buscam a valorização da diversidade e das diferenças, fazendo análises ligadas a questão da produção cultural negra, dando destaque às questões religiosas e de identidade. (OLIVEIRA, opus cit.).

Nesse contexto é importante falar sobre o surgimento do TEN – Teatro Experimental do Negro fundado no ano de 1944 por Abdias do Nascimento, um dos maiores expoentes da cultura negra, atuou em movimentos nacionais e internacionais como a Frente Negra Brasileira, a Negritude e o Pan-Africanismo. Referente à criação do TEN, veja o que seu fundador diz:

(...) surgiu, em 1944, no Rio de Janeiro, o Teatro Experimental do Negro, ou TEN, que se propunha a resgatar, no Brasil, os valores da pessoa humana e da cultura negro-africana, degradados e negados por uma sociedade dominante que, desde os tempos da colônia, portava a bagagem mental de sua formação metropolitana europeia, imbuída de conceitos pseudo-científicos sobre a inferioridade da raça negra. Propunha-se o TEN a trabalhar pela valorização social do negro no Brasil, através da educação, da cultura e da arte. (NASCIMENTO, 2004, p. 210)

Assim que o TEN ganhou a adesão de várias pessoas, como o advogado Aguinaldo de Oliveira Camargo, o pintor Wilson Tibério, Teodorico dos Santos, José Herbel, Sebastião Rodrigues Alves, entre muitos outros, a intenção de Abdias do Nascimento (ibidem, p. 211) era de “agir urgentemente em duas frentes: promover, de um lado, a denúncia dos equívocos e da alienação dos chamados estudos afro-brasileiros, e fazer com que o próprio negro tomasse consciência da situação objetiva em que se achava inserido.”

Dessa maneira o TEN liderado por Abdias exerceu importante papel de valorização da população negra no Brasil, entre as diversas pessoas que foram recrutadas a participar do grupo havia gente simples como operários, empregadas domésticas, favelados sem profissão definida, modestos funcionários públicos, assim, foi proporcionado a eles uma conscientização que pudesse permitir uma nova atitude, garantindo-lhes capacidade própria de perceber o espaço que ocupava o grupo afro-brasileiro no contexto da sociedade brasileira. (ibidem, 2004).

Um importante pesquisador que participou do TEN foi Alberto Guerreiro Ramos, que teve papel fundamental nos estudos relacionados ao negro no Brasil. O estudioso fez duras

críticas às antigas correntes acadêmicas tradicionais no que diz respeito aos estudos sobre o negro, fazendo questionamentos referentes às análises que tentavam encontrar alguma coisa exclusiva ao negro, que não estivesse limitado apenas ao fato de ele ter uma cor de pele mais escura, ao mesmo tempo Guerreiro Ramos buscou elucidar os efeitos psicológicos da existência dessa cor em uma sociedade colonial racista, cujo ideal valorativo seria o branco europeu (BARBOSA, 2006). Conforme as próprias palavras de Ramos (apud opus cit., p. 220):

Em princípio, o negro, no domínio da sociologia brasileira, foi problema porque seria portador de traços culturais vinculados a culturas africanas, pelo que, em seu comportamento, apresenta como sobrevivência. Hoje, continua a ser assunto ou problema, porque tende a confundir-se pela cultura com as camadas mais claras da população brasileira. Neste ponto, é oportuno perguntar: Que é que, no domínio de nossas ciências sociais, faz do negro um problema, ou um assunto? [...]. Determinada condição humana é erigida à categoria de problema quando, entre outras coisas, não se coaduna com um ideal, um valor ou uma norma. Quem a rotula como um problema, estima-a ou a avalia anormal. Ora, o negro no Brasil é objeto de estudo como problema na medida em que discrepa de que norma ou valor? Os primeiros estudos no campo trataram das formas de religiosidade do negro. Terá, porém, o negro, entre nós, religião específica? Objetivamente, não [...]. Tem sido, também, considerada com frequência a criminalidade do negro. Terão, porém, o negro e seus descendentes criminalidade específica? Objetivamente, ainda não [...]. Por outro lado, careceria de base objetiva a afirmação de que o negro no Brasil manifestasse tendências específicas essenciais na vida associativa, na vida conjugal, na vida profissional, na vida moral, na utilização de processos de competição econômica e política. O fato é que o negro se comporta sempre essencialmente como brasileiro, embora, com o dos brancos, esse comportamento se diferencie segundo as contingências de região e estrato social. [...]. Nestas condições, o que parece justificar a insistência com que se considera como problemática a situação do negro no Brasil é o fato de que ele é portador de pele escura. A cor da pele do negro parece constituir o obstáculo, a anormalidade a sanar. Dir-se-ia que na cultura brasileira o branco é o ideal, a norma, o valor, por excelência.

Nesse sentido, levando em consideração as críticas às antigas correntes acadêmicas tradicionais feitas por Guerreiros Ramos, leia as seguintes considerações do pesquisador Julvan Moreira de Oliveira (opus cit., p. 122):

A condição étnica do negro brasileiro deriva de pertencer ao grupo majoritário no país, mas cuja identidade social foi dada pelo 'branco' brasileiro. O negro no Brasil não possui cultura, nem religião, nem língua, nem território, identificando-se perfeitamente com os brancos na cultura, na religião e no território, contudo sendo visto como diferente. A saída, para Guerreiro Ramos, dessa situação seria considerar o negro como um elemento 'normal' da população brasileira, como povo brasileiro, para além de sua condição étnica. Ou seja, a condição 'negra' não é uma existência racial

objetiva, sendo 'negra' um termo que se refere à uma identidade construída socialmente pelos brancos, compreendida como impossibilitada de alcançar a humanidade. Por isso, Guerreiro Ramos procura um enfoque humanista sobre o negro, destacando o problema psicológico e a estética como enfoques analíticos que solucionariam os problemas relativos à questão étnico-racial.

Analisando essas diversas correntes teóricas que serviram de pressupostos para os principais estudos relacionados ao negro no Brasil, percebemos que tais pesquisas exerceram forte influência no imaginário da sociedade brasileira ao pensar o negro em nosso país. Grande parte dessas correntes contribuiu para criar uma imagem negativa da sociedade negra no Brasil, colaborou também para o surgimento da existência do conceito de uma democracia racial brasileira, que, no entanto, é mais do que evidente que tal democracia racial é um mito, o que infelizmente acaba cooperando para a manutenção da prática do racismo no Brasil.

E houve também estudos sobre os negros que buscaram promover e enfatizar o devido valor e importância que o negro merece dentro da formação da sociedade brasileira. Após explanarmos sobre esses estudos, é extremamente necessário debatermos sobre a questão da discriminação racial existente no Brasil.

A discussão no que diz respeito ao racismo no Brasil é muito grande. Existem aqueles que reconhecem a existência da discriminação racial, e afirmam que podemos perceber práticas racistas em nosso cotidiano. Já os que não admitem que exista no Brasil uma discriminação racial, muitas vezes buscam argumentos na ideia de que aqui é um país caracterizado pela miscigenação e que a verdadeira discriminação esteja ligada à classe social, e não à cor da pele.

De qualquer forma, é muito evidente a existência do racismo no Brasil, podemos perceber, sem consultar qualquer tipo de pesquisa, que a maior parte da população de baixa renda no país, é composta de negros.

O preconceito racial no país faz parte da história do Brasil, desde o período da escravidão a uma abolição que não proporcionou mudanças significativas na situação dos negros naquela época, e que é reflexo ainda hoje na condição permanente da maioria da população negra em funções subalternas.

Foi propagada em nosso país a ideia de que aqui exista uma democracia racial, porém essa ideia se mostra como um mito, a partir da constatação de que no Brasil existe de fato o preconceito racial. A difusão desse pensamento de que haja democracia racial no país apenas contribui para a manutenção do racismo velado, existente na sociedade brasileira.

Em relação ao mito da democracia racial o pesquisador Joaze Bernadino faz a seguinte colocação:

Diante desta realidade social estruturada pelo mito da democracia racial e pelo ideal de branqueamento, manteve-se intacto o padrão de relações raciais brasileiro, não sendo posto em prática nenhum tipo de política que pudesse corrigir as desigualdades raciais. Isto aconteceu desta forma simplesmente por que a interpretação hegemônica acerca das relações raciais brasileira, até mesmo entre setores progressistas, não identificava nenhum problema de justiça racial. Estava vedada, portanto, a possibilidade de intervenção organizada na realidade, restando à população de cor a via da infiltração pessoal, que obviamente não possui alcance coletivo (BERNADINO, 2002, p. 256).

Podemos sem dúvida nenhuma constatar que no Brasil a discriminação racial está fortemente presente em nosso cotidiano, porém o que de fato predomina em nossa sociedade é um racismo velado, ou seja, a maioria da população não reconhece que tal prática, e apenas identifica prática do racismo no outro. A discriminação racial no Brasil é explicada da seguinte forma, por (SANTOS, 2003, p. 86):

Discriminamos os negros mas resistimos a reconhecer a discriminação racial que praticamos contra esse grupo racial. (...) o racismo está no outro bairro, na outra empresa, na outra universidade, na outra cidade, no outro estado, em outro país, entre outros, menos em nós mesmos. Nós, por mais que os dados estatísticos oficiais e não oficiais nos indiquem abismais desigualdades entre negros e brancos, achamos que não temos nada a ver com isso, pois a maioria absoluta dos brasileiros só vê o racismo dos outros e nos outros, nunca neles mesmos.

Levando em conta a existência da discriminação racial no país, existem diversas leis que tratam a questão do racismo, porém, é evidente a pouca aplicabilidade dessas leis e dos princípios constitucionais. Nesse sentido é necessário avaliar de que maneira buscam-se soluções para que a prática do racismo não ocorra, e que tipo de punição é aplicado a quem exerça qualquer forma de discriminação racista.

De acordo com a Constituição brasileira, a República Federativa do Brasil nas suas relações internacionais, conforme o art. 4º, VIII, repudia o racismo, dessa forma, não podemos aceitar que ainda exista discriminação racial no país.

Há na Constituição dispositivos que tem por objetivo impedir a prática do racismo, destacaremos a seguir alguns desses dispositivos:

Art. 5º, XLI – a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais; XLII- a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei.

Art. 7º- São direitos dos trabalhadores urbanos e rurais, além de outros que visem à melhoria da sua condição social: XXX- proibição de diferença de salários, de exercício de função e de critérios de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil.

Ao analisarmos os artigos constitucionais acima, percebe-se que de fato a Constituição é desrespeitada, se levarmos em consideração algumas práticas sociais, nesse sentido é necessária à exigência da aplicabilidade total dos princípios constitucionais para a garantia de que seja combatido de forma eficiente qualquer tipo de prática racista.

Existem determinadas leis federais que também abordam o tema, aqui enumeradas algumas dessas leis:

- Lei nº 7.716 de 05 de janeiro de 1989, visa a tutelar a igualdade racial, descrevendo punições para crimes que configurem racismo: “*Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional*” (Redação dada pela Lei nº 9.459, de 15/05/97).
- O Artigo 20 da lei citada acima diz o seguinte: “*Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional*” (Redação dada pela Lei nº 9.459, de 15/05/97).
- As leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08 que obriga a temática “História e Cultura Afro-Brasileira” na Rede de Ensino.

É pertinente explicar que as leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08 são de suma importância, já que estão direcionadas a educação e nesse sentido conforme o alcance maior e efetivo da aplicabilidade dessas leis poderá conscientizar nossos estudantes e transformá-los em cidadãos mais conscientes, e conhecedores da importância dos negros na formação da sociedade brasileira.

Além da legislação vigente no Brasil vale a pena destacar que na luta contra a discriminação racial no país, de acordo com Alexandre Ciconello (2008, p. 7) “(...) o movimento negro tem sido o principal protagonista da luta contra o racismo e contra as enormes distâncias que separam negros/as de brancos/as”. Considerado o primeiro movimento político de maior destaque organizado pelos negros no Brasil, a Frente Negra Brasileira, foi criada em 1931 com o objetivo de reagir contra o desamparo ao qual a população negra foi submetida após a abolição da escravatura. A Frente Negra Brasileira sofreu uma série de

perseguições e foi extinta em 1937, em virtude do autoritarismo do governo de Getúlio Vargas, o chamado Estado Novo (opus cit, 2008, p.7).

Ao longo da história do Brasil o movimento negro desempenha importante papel contra o racismo, conforme relato do pesquisador Ciconello (ibidem, p.7):

O ano de 1988 foi fundamental na história contemporânea brasileira, marcando o restabelecimento do Estado Democrático de Direito – com a promulgação da nova Constituição Federal – e, conseqüentemente, a igualdade de direitos e a criminalização do racismo. Esse mesmo ano marca igualmente o centenário do fim da escravidão no Brasil e um novo patamar na luta anti-racista, em que o Estado começa a reconhecer a sua omissão histórica e é pressionado a implementar medidas de promoção da igualdade racial.

Merece menção a realização, em 1995, da Marcha Zumbi dos Palmares, contra o Racismo, pela Igualdade e a Vida por ocasião dos 300 anos da morte do principal líder negro do país. A Marcha levou mais de 30.000 militantes negros à capital do país e apresentou ao Presidente da República uma pauta de reivindicações. Atualmente, o movimento negro possui estratégias diversas, expressando-se em inúmeras organizações e coletivos como o Movimento Negro Unificado (MNU), a Coordenação Nacional de Entidades Negras (CONEN) e a União de Negros pela Igualdade (UNEGRO). É importante destacar o movimento de mulheres negras que vem expondo as perversas conseqüências do encontro entre as desigualdades de raça e gênero no Brasil. Dois coletivos que se destacam nessa luta são a Articulação de Mulheres Negras Brasileiras (AMNB) e o Fórum Nacional de Mulheres Negras (FNMN).

No decorrer do desenvolvimento histórico na luta contra o racismo, diversas medidas foram tomadas no Brasil, e também a nível internacional que vão contribuir para que ocorram avanços em relação ao combate da discriminação racial.

Como uma resposta à Marcha Zumbi dos Palmares contra o Racismo, pela Igualdade e a Vida, realizada em 1995, o governo federal criou grupos de trabalho interministeriais encarregados de desenhar propostas para combater as desigualdades raciais por meio das políticas públicas. A existência dessas ainda incipientes institucionalidades, aliada à constante pressão do movimento negro e à produção, cada vez maior, de pesquisas acadêmicas e de dados oficiais estatísticos sobre as desigualdades raciais (principalmente os dados produzidos pelo IBGE e pelo IPEA), foram provocando gradativas mudanças na administração pública federal, gerando a inclusão da questão racial em diversas ações promovidas especialmente pelos Ministérios da Saúde, Educação, Justiça e Desenvolvimento Agrário. Mais um passo foi dado durante o processo da III Conferência Mundial contra o Racismo que ocorreu em 2001, em Durban, na África do Sul. No final de 2000 foi instalado o Comitê Nacional para a Preparação da Participação Brasileira a Durban que reuniu representantes do governo e da sociedade civil. Esse Comitê estimulou o debate sobre os temas da conferência em todo o país, construindo a posição brasileira de forma participativa, tendo sido realizado

diversos seminários e oficinas. O resultado de todo esse processo preparatório foi a expressiva participação de brasileiros/as em Durban: mais de 600 representantes do poder público e da sociedade. Até mesmo a Relatoria Geral da Conferência Mundial ficou a cargo de uma militante brasileira, Edna Roland, fundadora de uma respeitada organização de mulheres negras, o Fala Preta. Logo após a Conferência de Durban, em outubro de 2001, o governo federal criou o Conselho Nacional de Combate à Discriminação (CNCDD), o primeiro órgão colegiado permanente, formado por membros do governo e da sociedade, que tem como missão propor, acompanhar e avaliar as políticas públicas afirmativas de promoção da igualdade e proteção dos direitos de indivíduos e grupos sociais e étnicos afetados por discriminação racial e demais formas de intolerância. Todas essas pequenas mudanças e brechas na estrutura do Estado, para o reconhecimento das desigualdades raciais, aliado a Declaração e o Plano de Ação originado na III Conferência Mundial contra o Racismo, permitiram a construção de um novo patamar na institucionalização de políticas de promoção da igualdade racial no Brasil (...) (CICONELLO, opus cit., pp. 9-10).

Ao reconhecermos que de fato o racismo é um problema ainda a ser superado no Brasil, a educação pode e deve desempenhar um papel significativo nessa luta. É extremamente importante conforme orientações do Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no que diz respeito ao ensino médio (BRASIL, 2013, p. 52): “Implementar ações, (...), de pesquisa, desenvolvimento e aquisição de materiais didáticos diversos que respeitem, valorizem e promovam a diversidade cultural a fim de subsidiar práticas pedagógicas adequadas à educação para as relações étnico-raciais”.

Partindo desse princípio com a intenção de fazer com que os estudantes conscientizem-se do problema da discriminação racial e possa transformá-los em cidadãos críticos dentro de um ambiente social onde as relações étnico-raciais possam acontecer de forma harmoniosa, o material didático proposto neste trabalho de conclusão de curso será indicado para utilização com turmas do ensino médio. Faremos agora uma breve explanação de como será este material.

O material didático será desenvolvido através da criação de planos de aula, que irão orientar o professor a empregar em sala de aula uma sequência didática que terá a utilização de diversos vídeos que abordam como assunto principal a temática do negro no Brasil, tendo os seguintes conteúdos mobilizados: o tráfico negreiro, a escravidão no Brasil, a abolição da escravatura, o racismo no Brasil, o mito da democracia racial, os avanços e conquistas alcançadas pela população negra ao longo da história, e a situação dos negros na sociedade atual brasileira.



Foram selecionados oito vídeos, e cada um deles terá como suporte um texto complementar que irá estimular a reflexão do educando ao fazer a análise dos elementos sugeridos.

Após a exibição de cada vídeo em sala de aula, os alunos irão ler um texto complementar, e posteriormente será coordenado pelo professor um debate entre os educandos que irão refletir acerca do tema proposto em cada vídeo, além disso, os alunos ficarão responsáveis em produzir um texto em casa referente ao que foi discutido em sala de aula conforme o tema abordado, assim o estudante vai expor suas conclusões e o que ele aprendeu ao ter contato com os dois elementos trabalhados (vídeo e texto).

A primeira exibição será do filme *A rota do escravo – a alma da resistência*, que foi produzido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), o vídeo faz uma síntese da história do comércio de seres humanos que é contada através das vozes dos escravizados, mas também dos mestres e comerciantes de cativos. Cada um conta sua experiência: da deportação de homens e mulheres para as plantações até o cotidiano do trabalho e os movimentos de abolição. O texto complementar a ser utilizado em conjunto com o vídeo será: trechos da descrição de um cirurgião naval, o inglês Thomas Nelson, que presenciou o desembarque de um navio negreiro no Rio de Janeiro em fevereiro de 1841 - (Mais detalhes sobre o texto estará disponível no material didático).

O segundo vídeo é uma reportagem do programa de TV Caminhos da Reportagem com o título *Ecos da escravidão*, e foi produzida pela emissora TV Brasil. É exibido no vídeo o serviço pesado no qual os escravizados eram submetidos nos engenhos de açúcar, nas lavouras de café ou na mineração. O programa de TV Caminhos da Reportagem traça o longo e difícil caminho do cativo à abolição, a luta pela liberdade, as formas de alforria, os principais abolicionistas. Ainda analisa uma polêmica: é possível ou não reparar os males deixados à população negra por anos e anos de trabalho escravo? O texto complementar a ser utilizado em conjunto com o vídeo será: dois anúncios de jornal informando a fuga de escravizados. Lembrando que era muito comum a publicação desse tipo de anúncio no século XIX - (Mais detalhes sobre o texto estará disponível no material didático).

Já o terceiro vídeo intitulado *Abolição*, foi feito pela TV Senado para o programa Senado na História. O filme resgata as discussões no Parlamento sobre a Abolição da Escravatura e exibe documentos da época que se encontram no Arquivo do Senado. Mostra a luta para extinguir o trabalho escravo no Brasil nos anos que precederam a Lei Áurea, de 1888, e seus reflexos nos dias de hoje. O texto complementar a ser utilizado em conjunto com o vídeo será: um texto intitulado *(Abolição aboliu o que?)* de José Murilo de Carvalho

publicado no jornal Folha de São Paulo - (Mais detalhes sobre o texto estará disponível no material didático).

Na sequência de apresentações o próximo vídeo a ser exibido será *Preto no branco - Nem tudo é o que parece*, retratará a questão de como ocorre o racismo em nosso país, ou seja, a democracia racial no Brasil não é o que parece. Encontramos um preconceito que não é facilmente identificado, um preconceito velado. O documentário apresentado pelo canal Futura sobre racismo no Brasil problematiza a assunto, e levanta a seguinte questão: será que no Brasil todos os brasileiros se sentem iguais? O texto complementar a ser utilizado em conjunto com o vídeo será: uma reportagem com o título *O racismo velado*, de Gustavo Nascimento divulgado no site do Géledes Instituto da Mulher Negra - (Mais detalhes sobre o texto estará disponível no material didático).

O quinto, o sexto e o sétimo vídeo serão exibidos em uma única aula, já que cada um deles tem em média cerca de três minutos e meio cada um. Dois desses vídeos um com o título *Amiguinho* e outro chamado *Negro* foram produzidos pelo canal do youtube Porta dos Fundos, ambos abordando a questão do racismo no Brasil através da comédia, utilizando certo tom de ironia, porém com uma crítica bem contundente em relação ao problema da discriminação racial praticada ainda nos dias de hoje no Brasil. Já o sétimo vídeo é uma propaganda fruto de uma campanha institucional sobre racismo, produzida pelo governo do Estado do Paraná, foi lançada no dia 17 de novembro de 2016 e veiculada nas redes sociais. O vídeo faz parte das mobilizações do Mês da Consciência Negra, e em pouco tempo o vídeo viralizou nas redes sociais. O texto complementar a ser utilizado em conjunto com a sequência dos três vídeos citados acima será: uma reportagem de Anne Barbosa intitulada *Pichação racista é encontrada em banheiro do Mackenzie em SP*, que foi publicada pelo G1 no site da Globo.com - (Mais detalhes sobre o texto estará disponível no material didático).

O último vídeo da sequência didática é *A história dos negros no Brasil*, foi apresentado na emissora de TV do Superior Tribunal de Justiça, STJ TV, no programa STJ Cidadão. Tal vídeo aborda a história dos negros no Brasil e aponta que apesar de mais da metade da população brasileira ser de afrodescendentes, os negros permanecem sub-representados ou quase invisíveis na estrutura do poder. Irá mostrar também através de dados do IBGE que em média um trabalhador negro ganha pouco mais da metade do que ganha um branco e a cada três assassinatos no país, duas vítimas são negras. E ainda: as decisões do Superior Tribunal de Justiça sobre o assunto e as conquistas dos negros brasileiros. O texto complementar a ser utilizado em conjunto com o vídeo será: uma reportagem intitulada *Movimento negro celebra cinco anos de conquistas*, que foi publicada no ano de 2015 no site

Portal Brasil do Governo Federal - (Mais detalhes sobre o texto estará disponível no material didático).

Penso que este material didático que consiste em planos de aula composto por uma série de vídeos irá sem dúvida alguma auxiliar os educadores na missão de lutar contra a cultura do racismo no Brasil. Dessa forma, compreendo que este material didático poderá contribuir para que os professores consigam proporcionar aos seus alunos uma capacidade de reflexão e maior consciência do problema da questão racial. Assim por meio do ensino de História e cultura afro-brasileira e africana, poderemos alcançar o objetivo de desconstruir o racismo existente no Brasil buscando valorizar a história dos afro-descendentes em nosso país, bem como a história dos povos africanos que contribuíram enormemente na formação da sociedade brasileira.

É importante salientar que o Brasil inserido num contexto político democrático necessita de fato fazer jus a esse regime, ou seja, construir uma sociedade constituída de justiça, igualdade e direitos, sem preconceito de cor, raça e qualquer outra tipo de discriminação. A cidadania ainda não está ao alcance de todos responsáveis pela formação e composição desse país. Essa desigualdade pode ser bem ilustrada no que se refere à população negra, principal vítima do preconceito racial que persiste em nossa sociedade. Infelizmente existe ainda impregnado no imaginário da sociedade brasileira uma cultura ligada ao cerne histórico desse país, que ainda sustenta uma cultura absorvida de preconceitos.

Então neste contexto de busca da importância e valorização da História e cultura afro-brasileira e africana tenho cada vez mais consciência de que a prática educativa deve ser conduzida com sua função social no sentido de alcançar um ensino voltado para a diversidade, estabelecendo condições ideais de um novo paradigma para as relações étnico-raciais no Brasil na luta contra o preconceito racial ainda persistente no cotidiano brasileiro.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DA ÁFRICA

**André Luiz Silveira**

**A CULTURA DO RACISMO NO BRASIL: UMA LUTA CONTRA TAL PRÁTICA  
NA SOCIEDADE BRASILEIRA**

**(MATERIAL DIDÁTICO)**

Juiz de Fora - MG  
2016

## **SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

### **AULA 1, 2 e 3**

#### **I. IDENTIFICAÇÃO:**

COMPONENTE CURRICULAR: **HISTÓRIA**

TEMA: **TRÁFICO NEGREIRO - ESCRAVIDÃO**

NÍVEL DE ENSINO: **ENSINO MÉDIO**

Nº DE AULAS: **3 AULAS** (50 minutos cada)

#### **II. OBJETIVOS:**

- Desenvolver a capacidade crítica;
- Conhecer a história sobre o tráfico negreiro.

#### **III. ATIVIDADES PREVISTAS:**

- Assistir o vídeo *A rota do escravo – a alma da resistência*;
- Leitura do texto complementar que são trechos da descrição de um cirurgião naval, o inglês Thomas Nelson, que presenciou o desembarque de um navio negreiro no Rio de Janeiro em fevereiro de 1841;
- responder as perguntas referente ao texto;
- Debate com os alunos acerca do tema abordado no vídeo e no texto.

#### **IV. ESTRATÉGIAS E RECURSOS PREVISTOS:**

- Será exibido o vídeo *A rota do escravo – a alma da resistência* (disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HbreAbZhN4Q>>), que foi produzido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), o vídeo faz uma síntese da história do comércio de seres humanos que é contada através das vozes de escravizados, mas também dos mestres e comerciantes de escravizados. Cada um conta sua experiência: da deportação de homens e mulheres para as plantações até o cotidiano do trabalho e os movimentos de abolição.

- Em seguida os alunos farão a leitura e interpretação do texto complementar, além de responder algumas questões. A seguir o texto proposto:

Leia a descrição de um cirurgião naval, o inglês Thomas Nelson, que presenciou o desembarque de um navio negreiro no Rio de Janeiro em fevereiro de 1841.

*Amontoados no convés, e obstruindo as passagens em ambos os lados, agachado, ou melhor, curvados, trezentos e sessenta e dois negros, com doença, deficiência e miséria estampadas [no rosto] com intensidade de tal forma dolorosa que excedia qualquer poder de descrição. A um canto, um grupo de miseráveis estirados, muitos nos últimos estágios da exaustão e todos cobertos com as pústulas da variola.*

*Observei que muitos deles tinham rastejado até o lugar em que a água havia sido servida, na esperança de conseguir um gole de líquido precioso; mas incapazes de retornar a seus lugares, jaziam prostrados ao redor da tina. Aqui e ali, em meio ao aglomerado, havia casos isolados da mesma doença repugnante em sua forma confluyente ou pior, e casos de extrema **emaciação** e exaustão, alguns em estado de completo **estupor**, outros olhando penosamente ao redor, apontando com os dedos para suas bocas **crestadas**.*

*Em todos os lados, rostos esqueléticos e encovados tornados ainda mais hediondos pelas pálpebras intumescidas e pela **ejeção puriforme** de uma violenta **oftalmia**, da qual parecia a sofrer a maioria; além disso, havia figuras reduzidas a pele e osso, curvadas numa postura que originalmente foram forçados a adotar pela falta de espaço, e que a debilidade e rigidez das juntas forçaram-nos a manter.*

(NELSON, Thomas. Remarks on the slavery and slave trade of the Brazil. In: CONRAD, Robert Edgar. **Tumbeiros**. O tráfico dos escravos para o Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 56.)

Significado:

**Emaciação:** magreza extrema.

**Estupor:** paralisia da capacidade de pensar.

**Crestadas:** queimadas.

**Ejeção puriforme:** secreção de pus.

**Oftalmia:** um tipo de inflamação dos olhos.

Perguntas:

- 1) Segundo Thomas Nelson, quais eram as condições de saúde dos cativos encontrados no navio?
- 2) Quais eram os principais fatores que provocavam essa situação tão desumana, denunciada pelo autor?
- 3) Os escravos eram tratados como mercadorias pelos traficantes; portanto, só tinham valor se estivessem vivos e fossem comercializados. Em sua opinião, por que os traficantes mantinham os africanos escravizados em condições a tal ponto degradantes que levavam uma parte à morte ou a doenças?

- Iniciar o debate com os alunos a fim de refletir sobre as questões que motivaram o desumano comércio de seres humanos (o tráfico negreiro), perceber as condições a que esses escravizados eram submetidos durante a viagem nos navios negreiros, bem como eram a vida escrava dos cativos durante o seu trabalho iam chegando ao seu destino final

após a viagem. Será feita também uma discussão sobre as formas de resistência que contribuíram para o processo de abolição da escravidão, e o posterior desenvolvimento de sociedades no continente americana que assimilaram aspectos culturais de matrizes africanas.

## **V. ATIVIDADES DE AVALIAÇÃO:**

- O aluno deverá responder as perguntas do texto e registrar tudo o que foi discutido em sala durante o debate. Esses registros serão feitos na terceira aula.

### ***SEQUÊNCIA DIDÁTICA***

#### **AULA 4, 5 e 6**

## **I. IDENTIFICAÇÃO:**

COMPONENTE CURRICULAR: **HISTÓRIA**

TEMA: **ESCRavidÃO NO BRASIL - RESISTÊNCIA ESCRAVA - ABOLIÇÃO DA ESCRAVATURA**

NÍVEL DE ENSINO: **ENSINO MÉDIO**

Nº DE AULAS: **3 AULAS** (50 minutos cada)

## **II. OBJETIVOS:**

- Desenvolver a capacidade crítica;
- Adquirir conhecimento sobre a escravidão no Brasil, identificar maneiras de resistência adotada pelos escravizados, a busca pela liberdade e aprender sobre o processo abolicionista.

## **III. ATIVIDADES PREVISTAS:**

- Assistir a reportagem do programa de TV Caminhos da Reportagem com o título *Ecos da escravidão*;
- Leitura do texto de dois anúncios de jornal informando a fuga de escravizados;

- responder as perguntas referente ao texto;
- Debate com os alunos acerca do tema abordado no vídeo e no texto.

#### IV. ESTRATÉGIAS E RECURSOS PREVISTOS:

- Exibição da reportagem *Ecos da escravidão* (disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xR549adx5Go>>), vídeo que traça o longo e difícil caminho do cativo à abolição, a luta pela liberdade, as formas de alforria, os principais abolicionistas. Ainda analisa uma polêmica: é possível ou não reparar os males deixados à população negra por anos e anos de trabalho escravo?
- Depois os estudantes farão a leitura e interpretação do texto complementar, além de responder algumas questões. A seguir o texto proposto:

A partir do século XIX, tornou-se comum a publicação de anúncios de jornal informando a fuga dos escravizados. Leia a seguir dois desses anúncios publicados em 1857, e faça as atividades.

##### Anúncio 1:

*Fugiu no dia 4 de outubro de 1857, da chácara nº 5 da rua Marahy, em São Cristovão, no Rio de Janeiro, um escravo do senador Alencar, de nome Luiz de Telles, pardo escuro, tem 40 anos para cima, mal-encarado e falta de dentes na frente, tem rugas na testa, andar apressado e passadas curtas, finge-se às vezes de doido, tem fala trêmula, com **viso** de **estuporado**; é muito **ladino** e astucioso, anda com cartas dizendo que vai com elas apresentar-se a seu senhor; inculca-se pedestre algumas vezes. Quem o prender, e fizer dele entrega onde possa ser recolhido à cadeia para ser entregue a seu senhor receber 40\$000 [quarenta mil-réis] de gratificação, além de despesas; será tudo pago a quem nesta Tipografia o apresentar com o competente documento.*

(Adaptado de : KOSSOY, Boris. CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **O olhar negro na iconografia brasileira do século XIX**. São Paulo, Edusp, 1994.)

Significado:

**Viso:** aparência, aspecto.

**Estuporado:** sem reações faciais ou muito feio.

**Ladino:** esperto, manhoso.

**Pedestre:** humilde.

##### Anúncio 2:

*No dia 31 de janeiro fugiu o escravo chamado David, quando vendia pão no Bonfim. É de estatura normal, corpulento, têm três marcas a cada lado do rosto, muito sorridente, foi visto pela última vez entre a Calçada e o Bonfim; julga-se que tenha sido acolhido numa casa que se adverte desde já pelos dias de trabalho que ele perdeu e pelos objetos que levou. Quem encontrar e o levar a seu senhor, à rua do Hospício, nº 44, receberá 20\$000 [vinte mil-réis].*

(CARDOSO, Maurício et al. **Negro e negritude**. São Paulo, 1997, p. 80.)



Perguntas:

- 1) Com base nos anúncios, descreva as expectativas dos proprietários a respeito da captura dos escravos fugidos?
- 2) Os escravos encontraram diversas formas de resistir à escravidão e estratégias pessoais para garantir certa liberdade, mesmo no interior do sistema escravista. No primeiro anúncio, que aspectos da descrição sobre o escravo Luiz de Telles indicam essas estratégias?
- 3) Os escravos também encontraram formas de se apoiar mutuamente, organizando até mesmo redes de apoio e solidariedade que os ajudavam nas situações difíceis ou no caso de fuga. Identifique o trecho do segundo anúncio no qual pode-se dizer que o escravo David tinha ligações que o ajudariam a se manter foragido.

- Fazer o debate com os alunos com o objetivo de alcançar uma reflexão no que diz respeito ao longo e difícil caminho do cativo à abolição, a luta pela liberdade, as formas de alforria, identificar os principais abolicionistas. E ainda tentar responder a indagação proposta no vídeo: é possível ou não reparar os males deixados à população negra por anos e anos de trabalho escravo?

## V. ATIVIDADES DE AVALIAÇÃO:

- O aluno deverá responder as perguntas do texto e registrar tudo o que foi discutido em sala durante o debate. Esses registros serão feitos na sexta aula.

## *SEQUÊNCIA DIDÁTICA*

### AULA 7, 8 e 9

#### I. IDENTIFICAÇÃO:

COMPONENTE CURRICULAR: **HISTÓRIA**

TEMA: **ABOLIÇÃO DA ESCRAVIDÃO NO BRASIL**

NÍVEL DE ENSINO: **ENSINO MÉDIO**

Nº DE AULAS: **3 AULAS** (50 minutos cada)

#### II. OBJETIVOS:

- Desenvolver a capacidade crítica;
- Aprender de forma mais aprofundada sobre processo abolicionista no Brasil.

### III. ATIVIDADES PREVISTAS:

- Assistir o vídeo intitulado *Abolição*, produzido pela TV Senado.
- Leitura do texto de dois anúncios de jornal informando a fuga de escravizados;
- responder as perguntas referente ao texto;
- Debate com os alunos acerca do tema abordado no vídeo e no texto.

### IV. ESTRATÉGIAS E RECURSOS PREVISTOS:

- Exibição de vídeo do documentário *Abolição* (disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mJigmWTOSgQ>>), que resgata as discussões no Parlamento sobre a Abolição da Escravatura e exhibe documentos da época que se encontram no Arquivo do Senado. Mostra a luta para extinguir o trabalho escravo no Brasil nos anos que precederam a Lei Áurea, de 1888, e seus reflexos nos dias de hoje;
- Fazer a leitura e interpretação do texto complementar, além de responder algumas questões. A seguir o texto sugerido:

No texto a seguir, o historiador José Murilo de Carvalho faz importantes considerações sobre a abolição da escravatura no Brasil, levando à reflexão sobre a estruturação mais profunda da sociedade.

#### **Abolição aboliu o quê?**

*[...] Aqui nem mesmo os quilombolas fugiam para fora da sociedade escravista. Mantinham-se em contato com essa sociedade, seja pelo comércio de mercadorias, seja pelo comércio de valores., por exemplo, que mesmo em Palmares, símbolo atual da libertação negra, havia escravidão. Os escravos que, às vésperas da abolição, fugiam para as cidades também permaneciam dentro do sistema. Apenas se deslocavam das entranhas do monstro. Os que fugiam para o Rio de Janeiro, para a capital do Império, no máximo conseguiam atracar-se na cabeça do monstro.*

*A importância disto é muito grande. A impossibilidade de fuga para fora alterava o sentido da abolição. Pois qual era a sociedade dentro da qual permaneciam escravos e libertos? Qual era a sociedade da qual era impossível fugir? Era uma sociedade marcada por valores de hierarquia, de desigualdade; marcada pela ausência dos valores de liberdade e de participação; marcada enfim pela ausência de cidadania. Era uma sociedade em que a escravidão como prática, senão como valor, era amplamente aceita. Possuíam escravos não só barões do açúcar e do café. Possuíam-nos também os pequenos fazendeiros de Minas Gerais, os pequenos comerciantes e burocratas das cidades, os padres seculares e as ordens religiosas. Mas ainda: possuíam-nos os libertos.*

*Negros e mulatos que escapavam da escravidão compravam seu próprio escravo se para tal dispusessem de recursos. A penetração do escravismo ia ainda mais fundo:*

*há casos registrados de escravos que possuíam escravos. O escravismo penetrava na própria cabeça escrava. Se é certo que ninguém no Brasil queria ser escravo, é também certo que muitos aceitavam a ideia de possuir escravo. [...]*

*O 13 de maio não deve ser descartado porque teve seu sentido positivo. Não pode, por exemplo, ser comparado com as proclamações da independência e da república a que o povo assistiu bestializado. O 13 de maio foi o coroamento da primeira mobilização nacional da opinião pública, mobilização a que aderiram escravos, libertos, estudantes, jornalistas, advogados, intelectuais, empregados públicos, setores do operariado. Como tal, sua importância não pode ser ignorada. Mas, como vimos, em termos dos resultados, a abolição aboliu muito pouco. A distância que separava o ex-escravo da condição de cidadão era enorme, como continua enorme até hoje a distância que separa a população negra da mesma condição.*

*José Bonifácio, em sua justamente famosa representação à Assembleia Constituinte de 1823, chamou a escravidão de cancro mortal que ameaçava os fundamentos da nação. A abolição veio demonstrar que o cancro é mais profundo, que a metástase atinge o corpo inteiro da nação. Ele tem a ver com os valores hierárquicos e sua carga de preconceitos que estruturam nossa sociedade, bloqueiam a mobilidade, impedem a construção de uma nação democrática. A batalha da abolição, como perceberam alguns abolicionistas, era uma batalha nacional. Esta batalha continua hoje e é tarefa da nação. A luta dos negros, as vítimas mais diretas da escravidão, pela plenitude da cidadania, deve ser vista como parte desta luta maior. Hoje, como no século XIX, não há possibilidade de fugir para fora do sistema. Não há quilombo possível, nem mesmo cultural. A luta é de todos e é dentro do monstro.*

(CARVALHO, José Murilo de. A abolição aboliu o quê? **Folha de São Paulo**, 13 de maio de 1988.)

Perguntas:

- 1) Como José Murilo de Carvalho trata a penetração do escravismo na sociedade brasileira?
- 2) Que significado ele atribuiu ao 13 de maio?
- 3) Você concorda com o autor quando ele afirma que a luta abolicionista “continua hoje e é tarefa da nação”? Justifique sua resposta.

- Realizar o debate com os educandos tendo uma reflexão no que diz respeito as discussões no Parlamento sobre a Abolição da Escravatura e explicar sobre os documentos da época exibidos no vídeo que se encontram no Arquivo do Senado. Durante a discussão analisar de forma crítica a luta que ocorreu para extinguir o trabalho escravo no Brasil nos anos que precederam a Lei Áurea, de 1888, e seus reflexos nos dias de hoje.

## V. ATIVIDADES DE AVALIAÇÃO:

- O aluno deverá responder as perguntas do texto e registrar tudo o que foi discutido em sala durante o debate. Esses registros serão feitos na nona aula.

## **SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

### **AULA 10 e 11**

#### **I. IDENTIFICAÇÃO:**

COMPONENTE CURRICULAR: **HISTÓRIA**

TEMA: **MITO DA DEMOCRACIA RACIAL NO BRASIL - RACISMO VELADO**

NÍVEL DE ENSINO: **ENSINO MÉDIO**

Nº DE AULAS: **2 AULAS** (50 minutos cada)

#### **II. OBJETIVOS:**

- Desenvolver a capacidade crítica;
- Desmitificar a existência de uma democracia racial no Brasil;
- Revelar a existência do racismo velado praticado pela sociedade brasileira.

#### **III. ATIVIDADES PREVISTAS:**

- Assistir o vídeo produzido pelo Canal Futura, intitulado *Preto no branco - Nem tudo é o que parece*;
- Ler reportagem de Gustavo Nascimento, que tem como o título *O racismo velado*, que foi divulgado no site do Gêledes Instituto da Mulher Negra;
- Fazer um resumo sobre a reportagem lida, e identificar as formas de racismo citada no vídeo;
- Debate com os alunos acerca do tema abordado no vídeo e no texto.

#### **IV. ESTRATÉGIAS E RECURSOS PREVISTOS:**

- Exibir o vídeo *Preto no branco - Nem tudo é o que parece*; (disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=k6CIPWp4gdY>>) que problematiza a questão de como ocorre o racismo em nosso país, ou seja, a democracia racial no Brasil não é o que parece. Busca-se uma reflexão referente ao preconceito que não é facilmente identificado, o chamado preconceito velado. problematizando o assunto, e levantando uma questão: será que no Brasil todos os brasileiros se sentem iguais?

- Fazer a leitura e interpretação da reportagem (texto complementar), posteriormente fazer um texto resumo sobre reportagem publicada no site do Géledes Instituto da Mulher Negra que foi lida em sala de aula. A seguir o texto sugerido:

### **O racismo velado**

Autor: Gustavo Nascimento

*Dois casos semelhantes de racismo chocaram o País no começo de 2013. Um em uma farmácia, quando um menino negro, de 11 anos, foi interpelado por um dos funcionários da loja, que não percebeu que o garoto estava acompanhado pela avó e começou a perguntar se aquele “negrinho” estaria incomodando. Outro na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro, quando o consultor Ronald Munk, e a mulher Priscilla Celeste denunciaram que seu filho mais novo, de sete anos, foi vítima de racismo na concessionária BMW Autocraft. O menino negro é filho adotivo do casal. Os pais relatam que enquanto conversavam com o gerente de Vendas da concessionária sobre a compra de um novo carro o filho, que estava distante, se aproximou e foi enxotado pelo gerente. Em seguida, o funcionário voltou para o casal e justificou a atitude com a seguinte frase: “eles pedem dinheiro, incomodam os clientes”.*

*O que choca na semelhança dos casos não é o racismo em si, e sim o fato das pessoas que o cometeram sequer terem enxergado que estavam sendo racistas. Este é um problema histórico do Brasil, diferentemente de outras regiões em que o racismo é escancarado. Aqui, não é! Ele está em camadas tão profundas, que o racista não se vê como um. Quando se sabe contra quem está lutando, a briga se torna mais fácil. O problema é quando se tem um preconceito velado, escondido até mesmo dos próprios detentores do mesmo. Acabamos achando normal expulsar uma criança negra de uma loja, pois ela provavelmente seria um pedinte.*

*Você já deve ter ouvido frases assim: “esse é um preto da alma branca”, “ele é pretinho, mas é gente boa”, ou então algo como “que negra bonita!” Por que nunca ouvimos algo como “ele é branco, mas é de confiança?” Ou então, “que branca bonita?”*

*A primeira vez em que fui parado pela polícia tinha nove anos de idade. Estava com um saco de pão que havia buscado na padaria quando fui abordado, sempre de maneira ‘gentil’, pelos policiais. O cartão de visita foi o de sempre: “Mão na cabeça, neguinho safado”, e um chute no tornozelo para eu abrir as pernas para a revista.*

*Tente explicar para uma criança que isso é “normal”? Bem, é se você nascer preto. Não deveria ser! Lutamos para que deixe de ser, mas ainda assim o é. A única forma de se vencer essa luta é escancarando esse racismo e o retirando das entranhas da nossa cultura. Como? Bem, diferentemente de fingir ou afirmar que no Brasil não existe preconceito. Devemos combatê-lo de toda e qualquer forma, seja nas novelas, no trabalho ou no falar do nosso cotidiano! Enquanto identificarmos uma pessoa pela cor, não teremos superado esse problema!*

(Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/o-racismo-velado-por-gustavo-nascimento/#gs.00IHVHw>>) Acesso em: 20 de nov. 2016.

- Promover o debate com os estudantes buscando refletir no que se refere à prática do racismo em nosso país, problematizando sobre a ideia da existência de democracia racial

no Brasil. Durante o debate tentar buscar uma conclusão para a seguinte questão: será que no Brasil todos os brasileiros se sentem iguais?

## **V. ATIVIDADES DE AVALIAÇÃO:**

- O aluno deverá fazer o resumo da reportagem e registrar tudo o que foi discutido em sala durante o debate. Esses registros serão feitos na décima primeira aula.

### ***SEQUÊNCIA DIDÁTICA***

#### **AULA 12 e 13**

## **I. IDENTIFICAÇÃO:**

COMPONENTE CURRICULAR: **HISTÓRIA**

TEMA: **O RACISMO EXPLÍCITO PRÁTICADO NO BRASIL**

NÍVEL DE ENSINO: **ENSINO MÉDIO**

Nº DE AULAS: **2 AULAS** (50 minutos cada)

## **II. OBJETIVOS:**

- Desenvolver a capacidade crítica;
- Evidenciar a prática do racismo no Brasil;
- Buscar reflexões para banir práticas racistas.

## **III. ATIVIDADES PREVISTAS:**

- Assistir três pequenos vídeos. Os dois primeiros vídeos a serem exibidos foram produzidos pelo canal do youtube Porta dos Fundos, um com o título *Amiguinho* e outro chamado *Negro*. Já outro vídeo é uma *propaganda referente a mobilizações do Mês da Consciência Negra* fruto de uma campanha institucional sobre racismo, produzida pelo governo do Estado do Paraná;
- Leitura e interpretação da reportagem intitulada *Pichação racista é encontrada em banheiro do Mackenzie em SP*, de Anne Barbosa publicada no G1 do site globo.com;
- Fazer um texto resumindo a reportagem;

- Debate com os alunos acerca do tema abordado nos três vídeos e no texto.

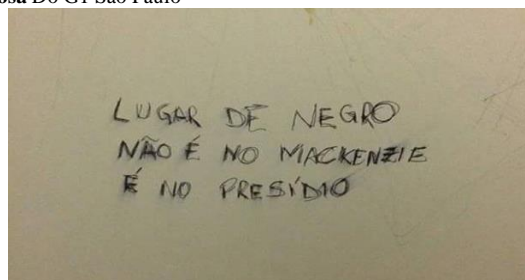
#### IV. ESTRATÉGIAS E RECURSOS PREVISTOS:

- Assistir três pequenos vídeos. Os dois primeiros vídeos a serem exibidos foram produzidos pelo canal do youtube Porta dos Fundos, ambos abordando a questão do racismo no Brasil através da comédia, utilizando certo tom de ironia, porém com uma crítica bem contundente em relação ao problema da discriminação racial praticada ainda nos dias de hoje no Brasil. Um vídeo com o título *Amiguinho* (disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NxzUU-cZD1o>>) e o outro vídeo de comédia é intitulado *Negro* (disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Le8xjRufv-M>>). Já o terceiro vídeo é uma *propaganda referente a mobilizações do Mês da Consciência Negra* (Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bKEifWCZoF8>>) fruto de uma campanha institucional sobre racismo, produzida pelo governo do Estado do Paraná, nessa propaganda foram organizados dois grupos de profissionais de recursos humanos em diferentes salas de reuniões e eles tinham a tarefa de avaliar fotos opinando sobre quem são ou o que fazem as pessoas das fotografias. Nas imagens, negros e brancos executam as mesmas tarefas. No entanto, as impressões dos recrutadores mudam de acordo com a cor do modelo da foto.
- Fazer a leitura e interpretação, além de um texto resumo da reportagem intitulada *Pichação racista é encontrada em banheiro do Mackenzie em SP*, de Anne Barbosa publicada no G1 do site globo.com. A seguir o texto sugerido:

#### **Pichação racista é encontrada em banheiro do Mackenzie em SP**

'Lugar de negro não é no Mackenzie. É no presídio', diz citação. Universidade instalou procedimento interno para identificar autoria.

**Autora:** Anne Barbosa Do G1 São Paulo



Pichação racista é encontrada em banheiro do Mackenzie em SP (Foto: Reprodução de Redes Sociais)

*Um banheiro masculino da Faculdade de Direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo, foi pichado com uma frase racista. A pichação foi descoberta pela Direção da Faculdade no final da tarde desta terça-feira (6) e foi divulgada nas redes sociais.*

*A citação diz que “Lugar de negro não é no Mackenzie. É no presídio.” Em nota, a universidade afirma que repudia qualquer ato, ação ou manifestação de cunho racista em seu ambiente. O Mackenzie ainda não sabe quem é o responsável pelo ato, mas informa que já foi feita denúncia aos órgãos e instâncias responsáveis pela apuração. Foi instaurado procedimento interno para apuração dos fatos e possível identificação de autoria.*

*“Nossa história de ampliação de liberdades e construção de oportunidades nos impõe a reafirmação permanente do nosso compromisso com a defesa dos Direitos e garantias Individuais e Coletivos, com o bem-estar do nosso povo e o repúdio a atos discriminatórios de quaisquer naturezas”, diz o texto.*

*Tamires Gomes Sampaio, primeira negra a assumir a diretoria do Centro Acadêmico do curso de Direito da universidade paulistana Mackenzie, repudiou o ato racista em um post no seu perfil no Facebook.*

*“É difícil pra mim, como estudante negra, desse mesmo prédio, escrever sobre essa imagem, porque ela é a representação do pensamento racista que eu sei que passa na cabeça de muitos que permeiam pelo Mackenzie”, disse.*

*Segundo a universidade, Tamires deixou o cargo de diretora do Centro Acadêmico em maio deste ano.*

(Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/10/pichacao-racista-e-encontrada-em-banheiro-do-mackenzie-em-sp.html>>) Acesso em: 28 de Nov. 2016.

- Debate com os alunos acerca do tema abordado nos vídeos e no texto, com o objetivo de fazer uma reflexão a respeito do racismo que também é praticado de forma explícita no Brasil. Levantar ideias para medidas de punição ao racismo.

## **V. ATIVIDADES DE AVALIAÇÃO:**

- O aluno deverá fazer o resumo da reportagem e registrar tudo o que foi discutido em sala durante o debate. Esses registros serão feitos na décima primeira aula.

### **SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

#### **AULA 14 e 15**

## **I. IDENTIFICAÇÃO:**

**COMPONENTE CURRICULAR: HISTÓRIA**

**TEMA: CONQUISTAS ALCANÇADAS PELA POPULAÇÃO NEGRA NO BRASIL**

**NÍVEL DE ENSINO: ENSINO MÉDIO**

**Nº DE AULAS: 2 AULAS (50 minutos cada)**



## II. OBJETIVOS:

- Desenvolver a capacidade crítica;
- Conhecer Através de um breve panorama a história dos negros no Brasil.

## III. ATIVIDADES PREVISTAS:

- Assistir o vídeo *A história dos negros no Brasil*;
- Leitura interpretação do texto complementar que é uma reportagem intitulada *Movimento negro celebra cinco anos de conquistas*, que foi publicada no site Portal Brasil do Governo Federal, e desenvolver também um texto resumo reportagem;
- Debate com os alunos acerca do tema abordado no vídeo e no texto.

## IV. ESTRATÉGIAS E RECURSOS PREVISTOS:

- Será exibido o vídeo *A história dos negros no Brasil* (disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cRamFx4rw-Y>>), que foi divulgado na emissora de TV do Superior Tribunal de Justiça, STJ TV, no programa STJ Cidadão, o vídeo faz uma síntese da história dos negros no Brasil desde o período da escravidão até as conquistas atuais da população negra no Brasil.
- Em seguida os alunos irão fazer a leitura e interpretação do texto complementar, (reportagem intitulada *Movimento negro celebra cinco anos de conquistas*). Logo depois farão um texto analisando as conquistas alcançadas ao longo dos anos apontadas na reportagem. A seguir o texto proposto:

### **Movimento negro celebra cinco anos de conquistas**

Instrumento legal de defesa de mais igualdade de oportunidades e garantia de direitos da população negra, estatuto unifica políticas de combate ao racismo e discriminação.

*Representando hoje mais de 53% dos brasileiros, a população negra ainda luta para eliminar desigualdades e discriminações. Os desafios ainda são grandes mas também há motivos para comemorações, como a significativa redução da extrema pobreza entre negros e a criação de instrumentos legais para a garantia de direitos. Nesta segunda-feira (20), o Brasil comemora cinco anos do Estatuto da Igualdade Racial.*

*Antiga reivindicação de movimentos sociais, a Lei nº 12.288/2010 começou a tornar forma com a criação da Secretaria de Políticas de*

*Promoção da Igualdade Racial (Seppir), em 2003. Em pouco tempo de existência, o estatuto transformou-se em instrumento legal da luta por mais igualdade de oportunidades e garantia de direitos da população negra, unificando políticas de combate ao racismo e discriminação.*

*“Alguns pontos da proposta inicial foram suprimidos, mas isso não invalida o teor e alcance do estatuto, que é uma conquista para o movimento negro e para todos os brasileiros”, celebra a ministra da igualdade racial, Nilma Lino.*

*Um dos principais avanços advindos do estatuto foi a criação do Sistema Nacional de Promoção da Igualdade Racial (Sinapir). “O Sinapir é uma forma de estender a política de promoção da igualdade racial, fazer com que ela se reproduza em todas as esferas de governo”, afirma Nilma Lino.*

*Para participarem do sistema, estados e municípios devem criar um órgão e um conselho de promoção da igualdade racial. Mecanismo fundamental para transformar a igualdade racial em política de Estado, o sistema registra atualmente 17 municípios e quatro estados. Segundo a secretaria, outros estados e municípios já iniciaram o processo de adesão.*

### **Cotas**

*Outra conquista importante é a lei que instituiu 20% de cotas para negros no serviço público federal (Lei nº 12.990/2014). “Em alguns cargos de alta remuneração, como diplomatas e auditores, a presença de negros é inferior a 10%”, observa o secretário de Políticas de Ações Afirmativas da Seppir, Ronaldo Barros. Segundo ele, negros são minoria no serviço público e ocupam cargos de baixa remuneração. “Esta é a realidade que pretendemos mudar”.*

*Graças às diretrizes do estatuto, o Ministério do Trabalho e Emprego e o Conselho Deliberativo do Fundo de Amparo ao Trabalhador (Codefat) estabeleceram a inclusão do campo raça/cor em todos os programas financiados pelo Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT).*

*“Nós vamos ter dados específicos de quanto ganham os negros, onde eles estão empregados, em quais setores. São números que permitem a elaboração de políticas públicas específicas”, diz Barros.*

*A secretaria também criou a Caravana Pátria Educadora pela Promoção da Igualdade Racial e Superação do Racismo, que promove debates e encontros com autoridades locais, representantes de universidades e da sociedade civil e estabelece parcerias para a promoção da igualdade racial em todo o país. Em 2015, a caravana já visitou Pará, Maranhão, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Moçambique. Outros estados serão visitados no segundo semestre.*

### **Combate ao Racismo e redução da pobreza**

*Um dos instrumentos institucionais mais importantes de combate ao racismo, a Ouvidoria Nacional da Igualdade Racial foi criada para registrar, apurar e acompanhar os casos de racismo e discriminação racial no País. Cerca de 1.800 denúncias já foram registradas pela ouvidoria.*

*As políticas de combate à miséria adotadas pelo governo federal na última década têm contribuído para a inclusão social de parte da população negra brasileira. Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), entre 2002 e 2013, a extrema pobreza entre o segmento caiu 86%, passando de 12,6% para 1,7%.*

*Como resultado, houve também um expressivo aumento da formalização. 63% dos microempreendedores individuais (MEI) cadastrados no Bolsa Família, cerca de 332 mil pessoas, são negros, segundo o MDS.*

Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/07/movimento-negro-celebra-cinco-anos-de-conquistas-com-estatuto-da-igualdade-racial>>

- Iniciar o debate com os alunos a fim de refletir a história dos negros no Brasil, analisar as dificuldades que a população negra ainda enfrenta no país, observando as conquistas alcançadas e conscientizando os estudantes que há muito o que melhorar.

#### **V. ATIVIDADES DE AVALIAÇÃO:**

- O aluno deverá registrar tudo o que foi discutido em sala durante o debate. Esse último registro deverá ser feito em casa.
- O educando deverá também desenvolver um trabalho escrito usando os resumos e as anotações realizadas durante todas as aulas. Esse trabalho será avaliado pelo professor.

## HISTÓRIAS DE VIDA E MEMÓRIA

O Brasil é caracterizado como uma sociedade racista, e desde o período que dei início a minha vida escolar me deparo com situações desse tipo. Ainda quando criança observava o racismo sem ter consciência do que era isso, constantemente a prática racista estava presente em meu cotidiano através de conceitos negativos relacionados aos negros quando eu ouvia expressões do tipo: “cabelo ruim”, “não faça serviço de preto”, entre outras. Tudo isso era, e ainda é algo muito natural em nossa sociedade.

Lembro-me que na escola, nas aulas de História o negro era sempre representado de uma forma vitimizada, colocando-o pertencente a um grupo de coitados que não reagiam à escravidão, e quando o tema chegava à abolição da escravatura, a luta e a resistência do negro era omitida dando todo o crédito à princesa Isabel. Nesse sentido, durante o período que cursei o ensino fundamental eu nunca tinha ouvido falar, por exemplo, que o movimento abolicionista existiu, nem tão pouco que tiveram negros que lutavam contra o sistema escravocrata. Só tive consciência do abolicionismo no momento em que cursava o ensino médio, e mesmo assim só ouvi falar apenas de Rui Barbosa que de fato teve papel importante, porém, me omitiram a existência dos abolicionistas negros.

Durante minha trajetória escolar, aos poucos fui percebendo meio que de forma inconsciente o quanto que os negros sofriam com o racismo.

Ainda no período em que eu frequentava o 8º ano do ensino fundamental, lembro-me de um colega negro que estudava comigo que passou pela seguinte situação: tal menino, vivenciando “essas paixões infantis” tinha se declarado a uma garota, e a reação da menina foi extremamente racista dizendo a ele que os dois não poderiam jamais ficar juntos, pois, ele era “preto” e pobre. Toda aquela circunstância constrangedora que meu colega passou, fez com que o garoto reagisse de forma resignada e com uma decepção que “estampava” seu rosto naquele momento. De repente, um silêncio tomou conta daquela sala de aula, e a professora se omitiu diante da situação explícita de racismo e não tomou nenhuma atitude, foi nessa ocasião que passei a perceber de maneira mais clara o que era racismo.

A partir disso, casos similares a esse e até mesmo situações que antes me pareciam normais, devido à naturalidade com que isso acontecia (e ainda ocorre no Brasil), como por exemplo, piadas que dizem o seguinte: “branco correndo é atleta, e negro correndo é bandido fugindo” – tudo isso fez com que eu me indignasse cada vez mais com esse tipo de ocorrência.

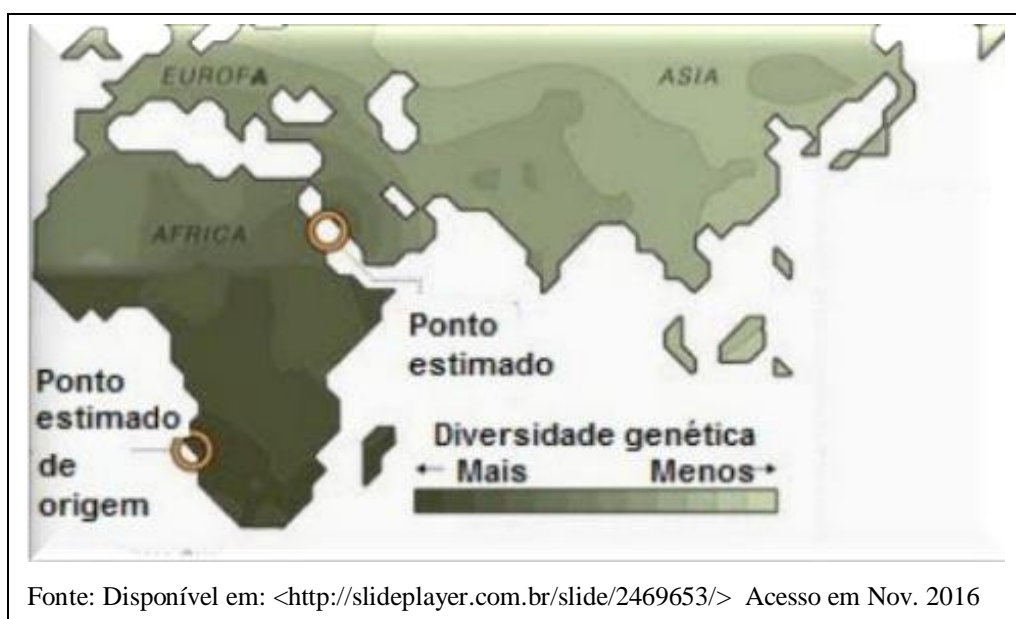
Já durante o período que eu cursei a faculdade de História, me tornei ainda mais crítico em relação às atitudes racistas que acontecem no Brasil, e entendi que enquanto professor posso contribuir para que tal situação mude. No entanto, após o término de minha licenciatura em História percebi o quanto que o racismo permanece fortemente impregnado no imaginário da sociedade brasileira sendo passado ao longo dos anos de geração em geração. Compreendi também que a dificuldade em lidar com o tema étnico-racial nas escolas é algo que persiste de forma extremamente intensa em nosso país.

Diante disso tudo, antes mesmo de me candidatar a uma vaga no curso de pós-graduação em História da África na UFJF, eu já me sentia incomodado em relação à maneira com que tal tema é abordado e trabalhado nas escolas brasileiras. Então, quando comecei a lecionar percebi que de alguma forma eu precisava me qualificar cada vez mais para alcançar meu objetivo de trabalhar de forma correta o ensino de História e cultura afro-brasileira e africana perante aos meus educandos. Conforme minha vivência no período de graduação em História, e minha experiência enquanto professor em sala de aula sempre ficou muito claro em meu pensamento o quanto os livros didáticos de História abordam predominantemente um ensino que valoriza o processo histórico europeu, evidenciando a influência eurocêntrica em nosso ensino. Dessa forma, me sentia um tanto quanto perdido tentando descobrir onde eu poderia buscar o conhecimento necessário para abordar o ensino de História da África sem cair na armadilha de passar aos estudantes uma instrução inadequada e carregada de equívocos relacionada aos povos africanos, ou seja, tinha que me afastar da situação de “cair na mesmice” e mostrar com clareza aos nossos educandos a História da África e a importância da raiz africana anterior a formação da sociedade brasileira, tão plural em sua história e tão pouco divulgada em nosso país.

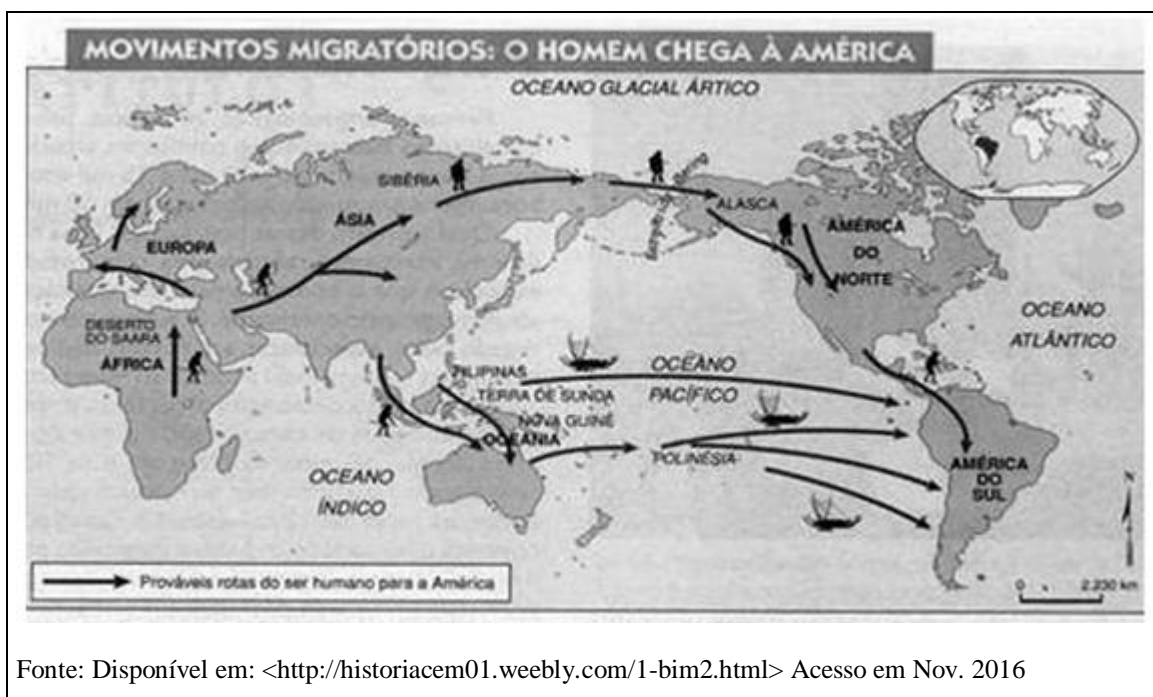
## REPENSANDO A APRENDIZAGEM: LEITURAS CRÍTICAS A PARTIR DA PRÁXIS

A partir do momento em que iniciei meus estudos na especialização em História da África vejo que minhas inquietudes em relação ao ensino de tal matéria vêm diminuindo, pois minha experiência no curso e meu contato com diversos outros professores colegas de pós-graduação, além dos docentes que vem lecionando no curso me proporcionam um aprendizado e um conhecimento que me dá mais segurança para ensinar História e cultura afro-brasileira e africana aos meus estudantes. Nesse sentido, o meu acesso aos diversos materiais fornecidos pelo curso faz com que eu consiga preparar melhor minhas aulas, de maneira com que os educandos entendam e percebam o real valor da figura do negro na história de nosso país evidenciando assim a devida importância desse grupo étnico que contribuiu ricamente para a formação da sociedade e cultura brasileira.

Através do processo de aprendizagem na pós-graduação em História da África, observo a contribuição do curso para mudanças em minha prática pedagógica, principalmente na maneira de associar o preconceito racial ao assunto de História e cultura afro-brasileira e africana com o intuito de combater a discriminação racial existente no Brasil. Infelizmente sabemos o quanto ainda o negro é extremamente desvalorizado em nossa sociedade, dessa forma, temos que evidenciar a importância e a ligação da História da África com a História do Brasil e do mundo. Observando a imagem a seguir podemos refletir sobre a relevância do continente africano para a História mundial:



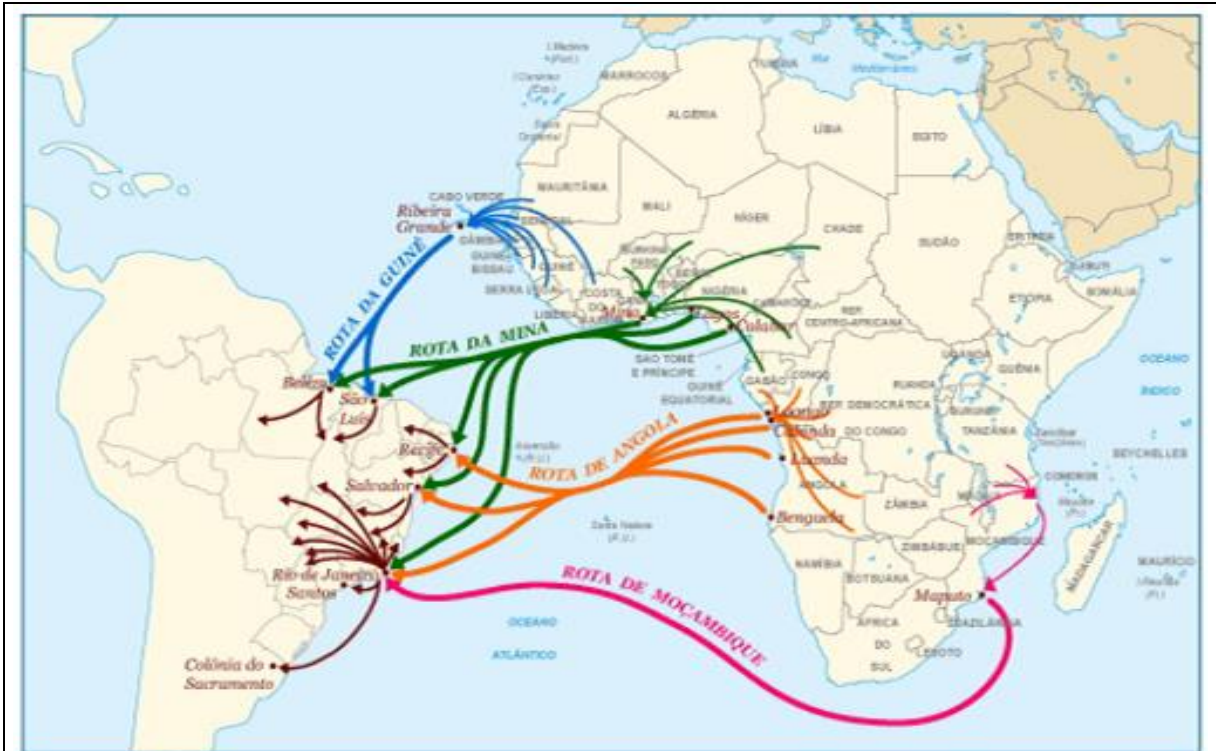
Dentro do processo de ensino e aprendizagem através dos estudos de História explicamos aos nossos estudantes a questão do tema relacionado “as origens do ser humano”, ao desenvolver este conteúdo é um momento oportuno para demonstrarmos a relevância da História da África para todos nós, afinal já é de conhecimento de todos que a origem do homem se deu no continente africano, e atualmente os livros didáticos de História expõe o tema, no entanto, às vezes dando pouco aprofundamento da origem humana na África, então cabe a nós professores aprofundarmos cada vez mais o assunto, inclusive quando falamos dos movimentos migratórios do homem até chegar ao continente americano.



É necessário desconstruirmos a imagem equivocada que a sociedade brasileira possui em relação à África. Assim para alcançarmos tal objetivo é imprescindível desenvolver um aprofundamento de estudos junto aos nossos educandos em relação à História e cultura afro-brasileira e africana, mostrando a influência dos africanos nos aspectos culturais como a gastronomia, a religião, a língua entre outras coisas que contribuíram para a formação cultural do povo brasileiro que estão presentes em nosso cotidiano até hoje.

Outro aspecto tratado com grande equívoco sobre a História do Brasil e da África está associado à escravidão. É muito importante que nossos alunos percebam que os escravizados africanos que vieram para o Brasil não eram todos iguais. Pois o continente africano é extremamente extenso possuindo uma grande diversidade étnica e cultural. Isso pode ser facilmente evidenciado de forma clara através de mapas que mostram a rota do tráfico negreiro para o Brasil identificando os portos onde os cativos embarcavam forçados em direção ao nosso país. Essa diversidade cultural da África que exerce influência na cultura

brasileira poderá ser trabalhada em sala de aula explorando a origem das etnias africanas que foram escravizadas e trazidas para o Brasil. Podemos iniciar uma reflexão com os educandos observando inicialmente as imagens a seguir:



Fonte: Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/marialuzinete/rugendas-e-debret-retratos-da-escravido-no-brasil>> Acesso em Nov. 2016



Rugendas, diferentes etnias, 1820.

(1) Angola, (2) Congo, (3) Bengüela, (4) Monjolo, (5) Cabinda, (6) Quiloa, (7) Rebolo, (8) e (9) Moçambique, (10) Mina. As etnias de 1-5 e 7 são da África central, 8-9 são do sudeste africano e 10 é da África ocidental. A presença de um escravo Quiloa é peculiar, pois essa é uma etnia da África Oriental, região da qual vieram muito poucos escravos para o Brasil. Todos, com exceção da escrava da Mina, falavam dialetos da família Bantu.

Fonte: Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/marialuzinete/rugendas-e-debret-retratos-da-escravido-no-brasil>> Acesso em Nov. 2016

Em virtude da grande quantidade e da diversidade étnica dos escravizados vindos aqui para o Brasil, e tendo consciência da contribuição dos africanos em nossa cultura é importante



evidenciar também a influência linguística africana no português falado aqui no Brasil. Mostrando que o nosso idioma não é exclusivamente uma influência europeia, e sim uma língua portuguesa que possuem algumas características diferentes dos outros países que também falam o português. A seguir algumas palavras que possuem origem africana:



**INFLUÊNCIA AFRICANA:  
LÍNGUA PORTUGUESA  
(*KIMBUNDU* e *KIKONGO*)**

- Banzé – *Benzegele* (confusão)
- Bengala – *Mbangala* (cajado)
- Cafundó – *Ka-nfundo* (difícil de chegar)
  - Cafuné – *Kifune* (estalar as unhas)
- Cambada – *Kamba* (grupo de pessoas)
  - Canjica – *Kanjika* (milho cozido)
  - Caramujo – *Nkala* (caranguejo)
  - Chilique – *Sulika* (ataque nervos)
- Dendê – *Ndende* (coqueiro africano)

Fonte: Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/marcelofernandesrj/dia-da-conscincia-negra-10517652>> Acesso em Nov. 2016

Mais um elemento significativo que pode ser trabalhado nas escolas é influência da culinária africana e afro-brasileira na dieta alimentar dos brasileiros. Assim poderemos conscientizar nossos estudantes que diversos alimentos que consumimos em nosso cotidiano foram trazidos da África pelos escravizados e incorporados e/ou adaptados à nossa cultura. Podemos citar, por exemplo, a utilização do azeite de dendê em nossa culinária, empregado principalmente na comida da Bahia. Nativo da costa ocidental da África, mais especificamente do Golfo da Guiné, o dendê ou dendezeiro (*Elaeis guineensis*) é, também, encontrado em povoados subespontâneos desde o Senegal até Angola. A planta é, também, conhecida como palma-de-guiné, demdem (Angola), palmeira dendem, coqueiro-dendê. Outro alimento muito consumido no Brasil e no mundo todo é a melancia que também é originária do continente africano. Podemos ainda falar de outro alimento de origem africana, o quiabo presente na alimentação de muitos brasileiros, e apreciado na culinária de várias culturas do mundo, o quiabo é consumido de variadas maneiras, tais como crus em saladas, refogados, cozidos, assados, grelhados, e como ingredientes de diversas receitas.

A grande importância da influência africana em nossa culinária pode se notado especificamente em relação ao acarajé, pois em 2004, o mais famoso bolinho da culinária baiana, foi tombado pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) como patrimônio nacional. Ainda fazendo referência sobre tal comida baiana, e voltando ao assunto da influência da África no português falado aqui no Brasil, o acarajé é uma palavra composta, proveniente da língua africana iorubá: **akará** = bola de fogo e **jé** = comer, ou seja, comer bola de fogo.

Outro componente africano bastante relevante que exerceu forte influência na formação da cultura brasileira é a música. De acordo com André de Oliveira Santos (2012, p. 45) no Brasil, o samba, ritmo nacional mais popular do país, possui reconhecidas raízes no continente africano, essa origem vem principalmente da musicalidade africana **bantu** presente nos ritmos, nos instrumentos e nas danças tradicionais do sudeste brasileiro, denominados batuques, que foram determinantes na gênese do samba.

A palavra samba é originária da palavra semba do idioma quimbundo, que pertence ao tronco linguístico bantu, semba significa umbigada e dá nome a uma dança tradicional da etnia quimbundo, em que o passo principal é justamente a umbigada entre um homem e uma mulher. Pois esta maneira de dançar – dando umbigadas – é encontrada em diversas danças brasileiras presentes em diferentes regiões do país. Em razão de a grande maioria dos portugueses desconhecer idiomas africanos, e dado que os negros davam nomes às suas danças, todas elas manifestações musicais em que há a presença do tambor e da umbigada, estas ficaram conhecidas como batuque. O termo, de comprovada origem portuguesa, é oriundo do termo “bater” e chegou até nós através dos relatos de cronistas e viajantes europeus ou brasileiros, que se interessavam em descrever essa “curiosa” prática dos escravos. (SANTOS, 2012, p. 46)

Mais uma estratégia interessante a ser utilizada com nossos alunos através da música é o combate ao racismo. Jorge Aragão, um importante cantor e sambista brasileiro compôs uma belíssima canção intitulada “**Identidade**”, o compositor é bem direto na música, ao abordar o preconceito que acontece de maneira velada no país. Ao discriminar o elevador como o ambiente dessa prática, Aragão faz um recorte para ser mais incisivo ao diagnosticar costumes tristemente enraizados. O samba lançado em 1999 discorre também sobre frases de preconceito racial históricas no Brasil, dentre elas a do tal “preto de alma branca”. Sem perder o ritmo e o suingue, Aragão mostra o descompasso de país formado essencialmente pela miscigenação, mas que relega muitos daqueles que o construíram a posições inferiores, com pouca perspectiva de ascendência social. A não ser pelo elevador de serviço. Observe a seguir a letra da música:

Elevador é quase um templo  
Exemplo pra minar teu sono  
Sai desse compromisso  
Não vai no de serviço  
Se o social tem dono, não vai...

Quem cede a vez não quer vitória  
Somos herança da memória  
Temos a cor da noite  
Filhos de todo açoite  
Fato real de nossa história

Se o preto de alma branca pra você  
É o exemplo da dignidade  
Não nos ajuda, só nos faz sofrer  
Nem resgata nossa identidade

Como podemos perceber, são diversas táticas associando ao conteúdo que deve ser lecionado em sala de aula que podem ser usadas de maneira que contribuam para acabar com uma visão estereotipada que os brasileiros possuem em relação à cultura afro-brasileira e africana. Ao longo deste texto foram mencionadas algumas manifestações culturais de matrizes africanas presente na cultura do povo brasileiro, lembrando que há muitas outras contribuições dos povos africanos na formação de nossa cultura que não foi citado aqui.

Está mais do que claro que a cultura africana está arraigada em nossas manifestações culturais evidenciando a importância da África e dos afro-descendentes para a História do Brasil. Nesse sentido não podemos aceitar em hipótese alguma qualquer negligência relacionada à cultura afro-brasileira e africana colocando-as num papel de destaque e valorização que lhes é merecida.

Enfim, creio que através curso de Pós-graduação em História da África da UFJF vem contribuindo imensamente com minha qualificação, me garantindo uma melhor condição para abordar o tema, me tornando um professor que irá colaborar no cumprimento e na concretização das Leis 10.639/03 e 11.645/08.

## **PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, INTERVENÇÕES E AÇÕES SÓCIO-EDUCATIVAS**

Sabemos que a situação atual do negro no Brasil é reflexo de anos de abandono desse grupo em nossa sociedade. Milhares de negros foram obrigados a deixar sua terra de origem em virtude da escravidão e do tráfico negreiro que perdurou durante anos, provocando a maior diáspora forçada em todo mundo.

Mesmo com a abolição da escravidão no Brasil em 1888, os negros foram simplesmente abandonados à própria sorte, e naquele período nem um tipo de reparação foi feita aos ex-escravizados, nem tão pouco após mais de um século da abolição podemos considerar que os negros alcançaram de forma plena sua cidadania na sociedade brasileira.

Houve alguns pequenos avanços através de políticas afirmativas, como por exemplo, a cotas para negros nas universidades públicas brasileiras. Porém, ainda podemos considerar que precisamos avançar cada vez mais, buscando implantar políticas afirmativas que possam reparar anos de dívidas que o Brasil tem ao longo de nossa história com a população afro-descendente, com o objetivo de desestruturar uma hierarquia social herdada do período da escravidão.

Procurar entender o longo período de escravidão como uma instituição legal, social e econômica que foi praticada no Brasil, revela uma referência histórica que nos ajuda a compreender a desigualdade social ainda existente em nossa sociedade que atinge em maior parte a população negra.

O discurso de democracia racial consolidado no Brasil esconde o racismo que ocorre de maneira velada, tornando o assunto como algo que não deve ser discutido. Dessa maneira, é apresentado a seguir uma sequência didática com propostas de plano de aula que buscam evidenciar a situação de desvalorização vivenciada pelos afro-descendentes, com o objetivo de conscientizar nossos alunos, e que essa conscientização possa ser disseminada por eles em nossa sociedade para alcançarmos um Brasil mais justo e igualitário.

## **SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

### **AULA 1 e 2**

#### **I. IDENTIFICAÇÃO:**

Componente Curricular: **História**

Tema: **Situação dos ex-escravizados no Brasil após a abolição da escravatura – Cidadania no Brasil**

Nível de Ensino: **Ensino Médio**

Nº de Aulas: **2 Aulas** (50 minutos cada aula)

#### **II. OBJETIVOS:**

- Compreender a situação vivenciada pelos ex-escravizados no Brasil, a partir da abolição da escravidão em 1888.
- Fazer uma reflexão com o intuito de perceber que os afro-descendentes não alcançaram uma cidadania plena ainda hoje no Brasil.

#### **III. ATIVIDADES PREVISTAS:**

- A introdução do tema desta aula será através da proposta de leitura e interpretação de fragmentos de texto do livro: **“Cidadania no Brasil”** do autor José Murilo de Carvalho. A seguir os fragmentos do texto que será trabalhado com os estudantes:

#### **CIDADANIA NO BRASIL**

“[...] No Brasil, aos libertos não foram dadas nem escolas, nem terras, nem empregos. Passada a euforia da libertação, muitos ex-escravos regressaram a suas fazendas, ou a fazendas vizinhas, para retomar o trabalho por baixo salário. Dezenas de anos após a abolição, os descendentes de escravos ainda viviam nas fazendas, uma vida um pouco melhor do que a de seus antepassados escravos. Outros dirigiram-se às cidades, como o Rio de Janeiro, onde foram engrossar a grande parcela da população sem emprego fixo. Onde havia dinamismo econômico provocado pela expansão do café, como em São Paulo, os novos empregos, tanto na agricultura como na indústria, foram ocupados pelos milhares de imigrantes italianos que o governo atraía para o país. Lá, os ex-escravos foram expulsos ou relegados aos trabalhos mais brutos e mais mal pagos. As consequências disso foram duradouras para a população negra. Até hoje essa população ocupa posição inferior em todos os indicadores de qualidade de vida. É a parcela menos

educada da população, com os empregos menos qualificados, os menores salários, os piores índices de ascensão social. [...] A libertação dos escravos não trouxe consigo a igualdade efetiva. Essa igualdade era afirmada nas leis mas negada na prática. Ainda hoje, apesar das leis, aos privilégios e arrogância de poucos correspondem o desfavorecimento e a humilhação de muitos. [...]” (CARVALHO, 2014, p. 57-58.)

#### **IV. ESTRATÉGIAS E RECURSOS PREVISTOS:**

- Após a leitura do texto, os alunos serão orientados a responderem, por escrito a seguinte questão:
- De acordo com o que é exposto no texto, podemos constatar que os argumentos apresentados por José Murilo de Carvalho de fato reflete numa falta de direitos à população negra no Brasil atual? Justifique sua resposta citando exemplos de situações que você tem conhecimento sobre a não garantia de uma cidadania plena aos negros no Brasil.
- Será promovido entre os alunos a leitura e uma discussão das respostas.

#### **V. ATIVIDADES DE AVALIAÇÃO:**

- O aluno deverá produzir uma redação a partir do debate que aconteceu em sala de aula tendo como base o texto proposto e a discussão feita entre os educandos. A redação será feita na segunda aula.

### ***SEQUÊNCIA DIDÁTICA***

#### **AULA 3 e 4**

#### **I. IDENTIFICAÇÃO:**

Componente Curricular: **História**

Tema: **Cidadania no Brasil**

Nível de Ensino: **Ensino Médio**

Nº de Aulas: **2 Aulas** (50 minutos cada aula)

## II. OBJETIVOS:

- Fazer uma reflexão sobre as experiências e expectativas de vida da população afrodescendente na sociedade brasileira atual.

## III. ATIVIDADES PREVISTAS:

- Com o objetivo de aprofundar o assunto iniciado nas aulas anteriores será trabalhado tal tema com os alunos através da proposta de leitura e interpretação do texto: **“Abolição, sim. Igualdade, ainda não”** escrito por Ricardo Ampudia. A seguir o texto que será trabalhado com os estudantes:

“Quase um século e meio após a abolição da escravatura, os negros ainda não alcançaram igualdade de oportunidades e sofrem com o racismo institucionalizado, que vai aos poucos sendo superado. Em uma assinatura, fomos de um passado vergonhoso de dor e humilhação de centenas de milhares de negros para uma pré-democracia com igualdade de direitos e oportunidades, no dia 13 de maio de 1888. Essa é a história conhecida sobre a abolição da escravatura no Brasil, a última colônia nas Américas a abrir mão do trabalho forçado, mas pouco se fala sobre as verdadeiras intenções do ato de Princesa Isabel - que seguiu um movimento de pressão externa e interna contra a Coroa portuguesa, sendo um fato mais político que humanitário - e das verdadeiras mudanças, refletidas até os dias de hoje. Mais de um século após a assinatura da Lei Áurea, muita coisa mudou, a população negra soma hoje 50,1% dos cidadãos brasileiros, mas ainda existe um fosso entre negros e brancos no país difícil de transpor e a democracia racial continua sendo um mito. De acordo com especialistas, essa diferença entre brancos e negros no Brasil tem reflexos basicamente econômicos - na renda e no emprego - mas podem ser notadas também no acesso a serviços básicos, como saúde, Educação Superior, saneamento básico e previdência. Para o professor Marcelo Paixão, coordenador do Laboratório de Análises Econômicas, Sociais e Estatísticas das Relações Raciais (Laeser) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, avaliar o tamanho do fosso entre brancos e negros depende de qual aspecto se analisa. "Se vamos analisar mercado de trabalho, renda e emprego, tivemos redução das disparidades. Se falamos em mortalidade materna e taxa de homicídios, o índice ainda assusta", comenta ele. O especialista alerta também para a Previdência Social, que não cobre nem metade da população negra feminina no país. Outro aspecto que evidencia as desigualdades no país pode ser visto ao analisar a distribuição de renda. Segundo dados do Censo de 2010, o Brasil tem hoje 16,3 milhões de miseráveis (renda inferior a R\$70 mensais). Destes, cerca de 70% são negros. Mesmo assim, houve a ascensão de uma classe média negra nos últimos oito anos, que hoje engloba 53,5% dos negros e 47,3% dos mestiços, centrados nas classes A, B e C. Edson Cardoso, assessor especial da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SPPIR) observa também que a população negra capturada pelo Censo cresceu, indo de encontro a uma taxa de natalidade decrescente

da população brasileira. Essa mudança, segundo ele, não reflete um aumento real, mas sim uma mudança de atitude. "Houve uma conscientização, empreendida principalmente pelo movimento negro no país, que fez com que essa população se autoafirmasse. Aquelas pessoas que anteriormente se diziam brancas, agora se sentem à vontade para se declarar pretas ou pardas", explica. O acesso à Educação é outro bom parâmetro para entender a questão do negro no Brasil. "Quando analisamos os dados de quase 100 anos após a abolição, tínhamos 40% da população negra de analfabetos. Hoje, 20 anos depois desse estudo, não conseguimos superar o quadro. A população de negros analfabetos, em números absolutos, ainda é quase o dobro da de brancos", afirma Marcelo Paixão. O problema se reflete no Ensino Superior. Apesar dos investimentos feitos nos últimos dez anos, com a adoção de políticas afirmativas para a área, os números indicam que ainda há muito por fazer. Cardoso acredita que é preciso uma combinação entre as políticas afirmativas e uma discussão na sociedade. "Precisamos entender como funcionam certas instituições, para entender porque determinados grupos ficam de fora", diz. Para o pesquisador, a própria reação negativa inicial gerada em determinados setores da sociedade com as políticas afirmativas beneficiou o debate sobre a função da universidade e o racismo no Brasil. "A demanda pelo acesso dos negros ao terceiro grau beneficiou toda a sociedade, pois acabou abrindo discussões sobre o aluno do sistema público, sobre o indígena. Quando paramos para discutir, vimos que estávamos criando um terceiro grau muito excludente", afirma. O especialista acredita que somente uma tomada de consciência para excluir o racismo da cultura e Educação vai trazer eficácia a qualquer política pública para diversidade. "Uma parcela da sociedade acha que quando você usa a palavra racismo, ela é tarefa dos negros, mas na verdade é de toda a sociedade brasileira", resume.

Fonte: Disponível em: < <http://acervo.novaescola.org.br/historia/pratica-pedagogica/abolicao-sim-igualdade-ainda-nao-627161.shtml?page=all> >

#### **IV. ESTRATÉGIAS E RECURSOS PREVISTOS:**

- Após a leitura e interpretação do texto, será promovido entre os alunos uma breve discussão sobre o que o autor aborda.
- Depois debate inicial proposto aos estudantes, o professor fará uma breve explanação aprofundando os argumentos apresentados no texto.

#### **V. ATIVIDADES DE AVALIAÇÃO:**

- O aluno deverá pesquisar em casa e trazer para a próxima aula (aula n° 4) reportagens que comprovem a situação dos afro-descendentes no Brasil atual de acordo com os argumentos apresentados pelo autor Ricardo Ampudia.
- Cada educando irá fazer um breve comentário sobre a reportagem que ele trouxe buscando fazer uma relação com o texto **“Abolição, sim. Igualdade, ainda não”**.



- O professor irá avaliar a explanação de cada aluno analisando a compreensão sobre o texto estudado que o educando teve em relação às questões propostas pelo autor.

## ***SEQUÊNCIA DIDÁTICA***

### **AULA 5 e 6**

#### **I. IDENTIFICAÇÃO**

Componente Curricular: **História**

Tema: **A falsa ideia de democracia racial no Brasil**

Nível de Ensino: **Ensino Médio**

Nº de Aulas: **2 Aulas** (50 minutos cada aula)

#### **II. OBJETIVOS:**

- Buscar uma reflexão e compreender a falsa ideia de democracia racial defendida no Brasil, com a intenção de expor a verdadeira realidade do racismo e do preconceito velado existente no país que é mascarado com o discurso de democracia racial existente em no Brasil.

#### **III. ATIVIDADES PREVISTAS:**

- Exibir o documentário **Preto no Branco** do programa Nem tudo é o que parece do canal Futura (Acesso ao vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=k6CIPWp4gdY>).
- Exibir trecho da participação do rapper Emicida no programa Altas Horas onde ele faz uma crítica contundente a essa falsa ideia de democracia racial existente no Brasil (Acesso ao vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=OUzBGvNpI38>).

#### **IV. ESTRATÉGIAS E RECURSOS PREVISTOS:**

- Exibir o documentário **Preto no Branco** do canal Futura.
- Exibir trecho da participação do rapper Emicida no programa Altas Horas.
- O professor fará uma explanação sobre o tema abordado nos vídeos.
- Será proposto aos alunos um debate referente ao assunto abordado nos vídeos.

## V. ATIVIDADES DE AVALIAÇÃO:

- O aluno deverá pesquisar em casa e trazer para a próxima aula (aula n° 6) reportagens que evidenciam situações veladas de racismo no Brasil, assim como situações explícitas de tal prática no país.
- Cada estudante irá fazer um breve comentário sobre a reportagem que ele trouxe buscando fazer uma relação com os vídeos exibidos proporcionando um debate entre os alunos.
- O educando deverá produzir em casa um texto referente ao tema da **falsa ideia de democracia racial no Brasil**, que será avaliado pelo professor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente é muito claro em meu pensamento o quanto o curso de pós-graduação em História da África vem contribuindo com minha qualificação, e também com a minha postura enquanto professor de História. Sempre me senti incomodado em não saber a maneira mais apropriada de ensinar História e cultura afro-brasileira e africana aos estudantes. Desde o momento que comecei a lecionar tinha muito receio em ser negligente em relação ao tema. Percebo que o material que tivemos acesso em todas aulas, a vivência com os colegas e a relação com os professores tem me proporcionado um suporte muito importante, além do que, hoje tenho um pouco mais de autonomia para conseguir identificar onde posso conseguir os materiais necessários para ensinar História da África. Nesse sentido compreendo que o ensino de História e cultura afro-brasileira e africana não deve ser trabalhado como uma simples transmissão de conhecimentos e conteúdos, temos que inserir o tema estudado com o objetivo de desconstruir o racismo existente no Brasil buscando valorizar a história dos afro-descendentes em nosso país, bem como a história dos povos africanos que contribuíram enormemente na formação da sociedade brasileira.

Neste contexto da importância e valorização da História e cultura afro-brasileira e africana tenho cada vez mais consciência de que a prática educativa deve ser conduzida com sua função social no sentido de alcançar um ensino voltado para a diversidade, estabelecendo condições ideais de um novo paradigma para as relações étnico-raciais no Brasil na luta contra o preconceito racial ainda persistente no cotidiano brasileiro.

Enfim, quero ter um papel ativo dentro da educação de forma que possa proporcionar situações onde, conhecendo a história e a cultura dos africanos e afrodescendentes, possamos re-aprender seus costumes e passarmos então a vê-los de forma diferente em nossa sociedade, contribuindo de fato para o cumprimento e concretização das Leis 10.639/03 e 11.645/08.

## BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1998. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)> Acesso em: 10 de dez. 2016.

BRASIL. **Lei nº 7.716, de 05 de janeiro 1989**. Brasília, 1989. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)> Acesso em: 09 de jan. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, 2013.

BARBOSA, Muryatan Santana. **Guerreiro Ramos: o personalismo negro**. Tempo Social, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 217-228, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v18n2/a11v18n2.pdf>> Acesso em: 07 de jan. 2017.

BERNADINO, Joaze. **Ação afirmativa e a rediscussão do mito da democracia racial no Brasil**. Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 247-273, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/eaa/v24n2/a02v24n2.pdf>>. Acesso em: 10 de nov. 2016.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: O longo caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

CICONELLO, Alexandre. O desafio de eliminar o racismo no Brasil: a nova institucionalidade no combate à desigualdade racial. In: GREEN, Duncan. **From Poverty to Power: How Active Citizens and Effective States Can Change the World**, Oxfam International, 2008. Disponível em: <<http://homologa1.portaldoservidor.ba.gov.br/sites/default/files/Racismo%20-%20texto%20do%20Peck.pdf>> Acesso em: 13 de nov. 2016.

FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**. 5. ed. São Paulo: Editora Globo, 2008.

FERNANDES, Florestan. **O Negro no Mundo dos Brancos**. São Paulo: Difel, 1972.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 48. ed. São Paulo: Global, 2003.

IANNI, Octavio. **Entrevista Octavio Ianni: o preconceito racial no Brasil**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 6-20, jan./abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n50/a02v1850.pdf>> Acesso: 20 de dez. 2016

NASCIMENTO, Abdias. **Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 209-224, jan./abr. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n50/a19v1850.pdf>> Acesso: 07 de jan. 2017

OLIVEIRA, Julvan Moreira de. **Africanidades e educação: ancestralidade, identidade e oralidade no pensamento de Kabengele Munanga.** 2009. 298 p. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

RODRIGUES, Raymundo Nina. **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2011. 95p. ISBN 978-85-7982-075-5. Available from SciELO Books Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/h53wj/pdf/rodrigues-9788579820755.pdf>>. Acesso em: 02 de jan. 2017.

RODRIGUES, Raymundo Nina. **Os africanos no Brasil** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. 303 p. ISBN: 978-85-7982-010-6. Available from SciELO Books. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/mmtct/pdf/rodrigues-9788579820106.pdf>>. Acesso em: 02 de jan. 2017.

SANTOS, André de Oliveira. Batuques e Samba: afirmações da identidade afro-descente. In: FELINTO, Renata (org.). **Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula.** Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

SANTOS, Sales Augusto dos. Ação afirmativa e mérito individual. In: LOBATO, Fátima; SANTOS, Renato Emerson dos (Orgs.) **Ações Afirmativas: políticas públicas contra as desigualdades raciais.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SCHUWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: \_\_\_\_\_. **A História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Nívia Cristiane Pereira da. **Questão Social e Questão Racial no Brasil: a visão de Octávio Ianni.** Revista em Pauta, Rio de Janeiro, v. 6, n. 23, p. 191-202, jul. 2009. Disponível em : <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/454/562>> Acesso em: 21 de dez. 2017.

SILVEIRA, Renato da. **Os selvagens e a massa: papel do racismo científico na montagem da hegemonia ocidental.** Afro-Ásia, Salvador, n. 23, p. 87-144, 2000. Disponível em: <[http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia\\_n23\\_p89.pdf](http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n23_p89.pdf)>. Acesso em: 11 de out. 2015.

SOUSA, Ronilson de Oliveira. Oliveira Viana e as questões da miscigenação no Brasil - a desconstrução dos discursos e ideias que negavam a contribuição do negro e indígena em nosso país. In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 6., 2013, São Luís. **Anais [da] VI jornada Internacional de Políticas Públicas: O desenvolvimento da crise capitalista e a atualização da luta contra a exploração, a dominação e a humilhação,** São Luís, 20 a 23 de agosto de 2013. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2013/JornadaEixo2013/anais-eixo7-questoesdegeneroetniaegeracao/pdf/oliveiravianaeeasquestoesdamiscigenacaonobrasil.pdf> Acesso em: 02 de jan. 2017.